

FRUTAS  
DO  
BRASIL  
NUMA NOVA, E AS-  
cetica Monarchia,  
CONSAGRADA  
A' SANTISSIMA  
SENHORA DO ROSARIO,

*AUTHOR O SEU INDIGNO ESCRAVO*

Fr. ANTONIO DO ROSARIO,  
o menor dos Menores da Serafica Familia  
de S. Antonio do Brasil, & Missionario  
no dito Estado;

*Mandando-a imprimir*

O Commissario Geral da Cavallaria de Pernambuco

SIMAM RIBEYRO RIBA.



LISBOA,  
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

*Com todas as licenças necessarias.*

Anno de 1702.

FRUITAS

BRASIL

NUMEROVA

Comissario  
de Minas

ANTONIO DO ROSARIO

ANTONIO DO ROSARIO

ANTONIO DO ROSARIO

ANTONIO DO ROSARIO

ANTONIO DO ROSARIO

ANTONIO DO ROSARIO

ANTONIO DO ROSARIO

ANTONIO DO ROSARIO

ANTONIO DO ROSARIO

ANTONIO DO ROSARIO

ANTONIO DO ROSARIO

A Soberana Rainha dos Anjos, Máy  
de Deos, Advogada dos pecca-  
dores, & com o supremo, &  
admiravel titulo de Se-  
nhora do Rosario.

**D**O mão pagador hase de cobrar  
mas que seja em palhas : co-  
bray, Senhora, de mim, mas  
que seja em folhas ; mas tam-  
bem digo que são folhas de humas frutas,  
que engrazadas nas flores do vosso Rosario,  
serão frutos vossos, frutos de honra, &  
graça ; bem sey que não paga com a Mo-  
narchia, que offerrece, quem vos deve as ines-  
faveis misericordias do Altissimo, se quer de  
algun modo agradece, quem as confessa co-  
mo póde, ainda que não satisfaça como de-  
ve : aceitay Divina acreedora estas letras  
em louvor dos beneficios, que sempre julguei



por maravilhas ; são letras a pagar à vista  
na corte Empirea; por serem frutas, que po-  
dem dar frutos de boas obras: para passar as  
letras, que vão neste volume, busquei nesta  
praça fiador abonado, & seguro, & foi tal  
a minha sorte, que logo achei hum Ribeiro  
tão largo como pio, para a produção, & fe-  
cundidade dos pomos por meyo da estampa,  
& para me significar o premio, que merece  
a sua devoção, he Ribeiro, & Riba, não  
Ritatejo, mas Ribamar, & terra, nos aug-  
mentos da fortuna no mar, & na terra, &  
sobre tudo o Riba Ceo, onde se colhem os fru-  
tos da arvore da vida pelos serviços que se  
vos fazem; que tal he a vossa piedade, &  
misericordia, o vosso poder, & bondade, que  
das dividas fazeis serviços, das obrigações  
merecimentos, para que pagando lucremos,  
& lucrando vos amemos, & sirvamos como  
devemos.

Indigno escravo, & só nos desejos  
o mais obrigado devoto vosso

Fr. Antonio do Rosario.





# LEYTOR.

**D**Ela Carta de marear, que publiquey no anno de 92. tomey terra, & logo mudey de officio, de mareante me fiz pomarista, de maritimo, lavrador, para por mar, & por terra servir como devo aos amigos, & benevolos leitores: agora das frutas do Brasil, ainda que agrestes, & desconhecidas, faço parabolas, para que sirvaõ se quer de fruta, & sobre-mesa nos esplendidos convites, que outros livros te offerecem; se acaso gostares do rustico, & limitado mi-

LICEN \* iij mo,

PROLOGO.

mo, que humilde te offereço, não te  
 cances em mo agradecer, porque do  
 que prégio, & do que escrevo, bem  
 poderàs entender, que não faço ca-  
 so de lifonjas, nem de displicencias;  
 porque aos lifongeyros remeto a  
 Deos, & aos mordazes mando-os  
 cardar; a Deos, & vejamonos no  
 Ceo.

*Vale.*

LICEN-



# LICENÇAS DA ORDEM.

*Censura do M. R. P. Fr. Hieronymo da  
Resurreição, Lente da Sagrada Theolo-  
gia, & Guardiã actual do Convento de  
N. Senhora das Neves nesta muy  
nobre, & sempre leal Cidade  
de Olinda.*

**O** Bedecendo ao mandato, & sa-  
tisfazendo à cõmissã do nosso  
Charissimo Irmão Pregador Fr. Jo-  
seph de Santa Catharina ex Defini-  
dor, & Ministro Provincial desta  
nossa Provincia de Santo Antonio  
neste Estado do Brasil; vi, & revi cõ  
gosto, & muita attenção o livro in-  
titulado, *Frutas do Brasil*, fundado  
em huma nova ascetica Monarchia;  
cujo Author he o muito Reverendo  
Padre Mestre Fr. Antonio do Rosa-  
rio, Missionario no mesmo Estado;  
cujas

cujas letras resplandecem tanto, não só na Europa, senão ainda nesta America, que com accordo não chimerico, mas muy racional, posso delle dizer: *Nemo, ut opinor, erit sapientior illo.* Muitos partos tem dado este entendimento ao mundo: porque com este são quatro os volumes, que tem dado á estampa; & logo no primeiro, que deu a luz, confesso, que quando o li, achei nelle tanto que admirar, que não podia minha lingua romper em vozes laudatorias; porque achava, que toda a eloquência era muda; & bem podera dizer então o que antigamente chegou a proferir o Profeta Jeremias: *A, A, A, Domine, nescio loqui.* Bem mostrou esta primeira obra o applauso que havia de ter o Author nos mais volumes; porque em todos se dà a conhecer por hũ Pytagoras no sentir, por hum Socrates no dividir, por



por hũ Plataõ no explicar, por hũ Arif-  
toteles no inferir. Fazem todas as obras,  
& volumes deste Author hũa taõ artifi-  
ciosa, & confoante harmonia, que distri-  
buida em quatro, tem comfigo todo o  
louvor, & conjuncta he hũ milagre, hũ  
aflombro, & hũa maravilha. Bem podè-  
ra eu aqui cantar ao som do que já can-  
tou Cassiodoro admirandose de outras  
obras, & volumes: *Habent hæc distributa  
præconium; conjuncta miraculum.* Com tudo  
os tres primeiros volumes saõ hũ rama-  
llete de flores, porque todos se recreaõ  
com o suave cheiro da devoçaõ, exha-  
lando de si o precioso ambar da celestial  
doutrina. O quarto porèm, (& naõ digo  
o ultimo: porque hũ entendimento taõ  
fecundo promete ainda muitos partos)  
veyo a parar em frutos, os quaes sendo  
poucos no material, moralizados sam  
muitos.

Das frutas do Brasil se aproveitou o  
Author, para dellas colher, & intimar

ao mundo outros frutos de melhor laya,  
& de mais proveito, que saõ virtudes,  
& bõs custumes; isto tudo com tanto es-  
pirito, subtileza, & engenho, que os  
frutos de seus incansaveis disvelos daõ,  
& daraõ solido, & authentico testemu-  
nho de querer o Author a todos fabo-  
rear o gosto, incitar o espirito para bem  
servirem, & amarem a Deos; & suppo-  
sto que das frutas materiaes de que alle-  
goriza espirituas frutos, conservem al-  
gũas a aspereza com o suave, com tudo  
atrahem cõ o benigno, naõ atemorizaõ  
com o aspero: porque a todos mostraõ  
ser saborosos, & suaves. Tudo se deve  
ao ajuizado estylo do Author, q̃ como  
verdadeyro Operario Apostolico sabe  
temperar a aspereza do desengano com  
a graça de sua eloquencia, com a delica-  
deza de seu discurso, & com o ancioso  
disvelo de seu espirito. Bem podera di-  
zer pelo que tenho lido, & ouvido  
da doutrina deste Author, que soube



imitar a S. Hieronymo no instruir, a S. Agostinho no ensinar, a S. Basilio no reprehender, a S. Gregorio no consolar, a S. Ambrosio na perseverança, que mostra de que todos aproveitem no amor, & serviço de Deos, & juntamente na devoção do Santissimo Rosario de Maria, de quem o Author he tam devoto. Assim vemos q̄ venerando nòs até aqui o Santissimo Rosario por hũ circulo de flores: *Velatus lilijs, scilicet rosis*; à nossa devoção o intima o Author composto de frutos; com que se até este ponto pelo suave cheiro da devoção do Rosario se dizia: *Flores apparuerunt in terra nostra*; já agora pelo gosto, & sabor se pòde publicar que das flores se produzirão frutos tão perfeitos, & suaves, como produzidos da melhor arvore, & divina planta como he a Senhora do Rosario: *Arbor est Maria*. Assim lhe chama o Docto Castilho.

Obra he esta, na qual não só se acha

hũa fabrica maravilhosa de hũ agigantado discurso ; mas ainda encerra em si o emblema mysterioso de hũ engenho, que na fabrica , inventiva , & moenda industriosa se está vendo o claro, & subtil engenho do Author. O certo he que este livro sendo para todos , nem todos são para elle : digo isto , porque conheço, que sabindo este volume para todos o lerem , não o poderaõ na fabrica imitar muitos: porque he engenho por singular exceiçãõ de todos; assim posso dizer o que disse Quintiliano antigualmente de outro engenho semelhante: *Idem esse optimum quod cum se facile crederis consequi imitatione non possis.* Supponho que o que tiver noticia deste engenho, & se quizer aproveitar de sua fabrica, ainda q̃ a cana seja velha , & tenha metido da nova, renderá de tal maneira, que encaixe no Ceo muyto bom , & fino assucar de fantidade. Finalmente para que me canso com mais exagerar o talento de

hum



hum Au thor, que nesta America he conhecida a grandeza com que pensa, a subtileza com que viventa, a curiosidade com que alinha, a profundidade cõ que conceptua? Todas as obras conteudas neste volume tem linguas para vozearem seus encomios, sem ser necessario que os publique a lingua dos que o lerem. Aqui me cabe a authoridade de S. Cypriano para authorizar o meu dizer: *Habent enim opera suam linguam, etiam tacente lingua legentis.* Com que sendo este volume para a honra de Deos, louvor da Senhora, & aproveitamento dos que o lerem; acerto he o darse à imprensa, visto não achar nelle a mais escrupulosa couza, que encontre a nossa Sãta Fé, virtudes, & bõs costumes: porque toda he solida, & verdadeira doutrina; assim o sinto, salvo o melhor juizo. Convento de nossa Senhora das Neves Cidade de Olinda aos 5. de Junho de 1071.

Fr. Hieronymo da Resurreyçãõ.

*Censura do M.R.P. Fr. Luis da Purifica-  
ção, Lente actual da Sagrada Theologia  
no Convento de N. Senhora das Ne-  
ves na Cidade de Olinda.*

**P**Or mandado do nosso muito Reverendo Padre Provincial, vi o livro intitulado, *Frutas do Brasil*, fundado em hũa nova ascetica Monarchia, composto pelo M.R.P.M. Fr. Antonio do Rosario, Prêgador, & Missionario neste Estado do Brasil: & confesso que se ouve ja quem pintasse a obediencia sem olhos, nesta occasião vinhaõ ao pintar muitos olhos à obediencia; porque para que estes discursos fossem multiplicadas vezes lidos, desejei eu ter os olhos multiplicados; porem se muytos para ouvir ao Author nos seus Sermões desejaõ multiplicar os ouvidos; q̃ muito he que para eu ver o Author nos seus escritos, desejasse multiplicar os olhos? mais ainda sendo o Author no escrever tam semelhante a si mesmo no prègar, que se as palavras com que prèga são animadas com o zelo da sua doutrina, as letras com que escreve são vivificadas com a doutrina do seu zelo; & verdadeyramente isto basta para que se entenda, que este livro não contem cousa, que á verdade da Fé não soe bem, ou á pureza dos bõs costumes soe mal; mas antes bem mostra o Author, que se no prègar he hum Orador perfeito, tambem he no escrever hum perfeito escritor, porque se, como diz Plinio, *Debet Ora-*



*erigi, & attolli; sed humilis;* o Author deste livro  
ainda quando mais sobre-elevado nos voos da sua  
eloquencia, nem por isso deyxá de firmar os pés no  
conhecimento da sua humildade; mas não seria Sera-  
phico o espirito do Author, se assim não fora, porque  
proprio he dos Seraphins firmarem os pés quando  
remontaõ os voos, como la vio Iſaias: *Seraphim sta-  
bant, & volabant.*

E se o Seraphim he o mesmo que incendio, como  
diz o Author das allegorias: *Seraphim incendium inter-  
pretatur*, tanto arde o Author no incendio do seu ze-  
lo, que não contente com clamar nos pulpitos das  
Cidades habitadas dos homẽs, & ainda nos certões,  
& desertos quasi só habitados das feras (que quem  
for Missionario até nos desertos ha de clamar, que as-  
sim clamou o Baptista tanto que foi Missionario: *Fuit  
homo missus à Deo... Vox clamantis in deserto;*) he tal digo  
o incendio do seu zelo, que esse pouco tempo, que  
se lhe concede para descancar, elle o gasta em com-  
por, para que ja que não podem chegar ao mundo  
todo os eccos dos seus clamores, a todo o mundo che-  
guem os clamores dos seus escriptos.

Já o Author tem dado ao prelo tres livrinhos, &  
este he o quarto; mas se entre todos os Planetas o  
quarto, que he o Sol, he o mais universal, porque a to-  
do o mundo abrangẽ; este quarto livrinho he o Sol,  
porque a todos os estados comprehende; & ainda  
que eu, como quem remtaõ pouco de Agua, não me  
incumbia examinar os rayos deste Sol, ou as regras  
deste

deste livro ; com tudo por cumprir com o mandato da obediencia posso dizer , que achando neste livrinho tantas razões , que me saboreassem o gosto , não ache y razão alguma que censurasse o juizo ; porque nelle vi interpretados os textos com clareza , accommodadas as authoridades com genuidade , deduzidos os conceitos com coherencia , trazidas as provas com habilidade ; neste livrinho todas as folhas são frutos , nestas folhas todas as regras são regras para o aproveitamento , nestas regras todos os caracteres são letras , que ensinaõ que não ha mais que dizer , nestas letras não ha ponto para o sentir , que não tenha admiração para o admirar : com que digo , que das folhas deste livro se pòde tecer huma palma , que todos pela estimação tragaõ nas palmas ; ou direy que das flores destas letras se pòde compor huma capella , que todos tragaõ na cabeça por coroa : pequeno he este livro no volume , & resumido nas palavras , porẽm para o louvor he muito grande , & diffuso : assim parece quiz dizer Plinio de outro semelhante : *Est opus vernantis eliquum flore molitum , speciosum etiam , & cum magna authoris laude diffusum*. Deste livro parece que fallava o mesmo Plinio quando disse : *Narrat aperte , pugnat acriter , colligit fortiter , ornat excelsè*. E com tal genero de palavras , com tal modo de dizer , que sendo de flores o mais bem tecido ramallete para o agrado , nem por isso deixa de ser o mais bem fazonado ramo de frutas para o aproveitamento , como disse alguem : *Genere dicendi vere fructuoso*.



Mas porque senão censore de hyperbole o que havia de ser censura, vejaõ-se os tres Sermões que o Author enxire neste livrinho, & verheia que não passa de panegyrico, o que se julga por hyperbole. No Ananás, a quem intitula Rey dos pomos, metaphoriza o Author o Rosario da Rainha dos Anjos, que sendo todo de rosas, & multiplicando nelle as frutas, feitas bem as contas, nos ensina a multiplicar os extremos da nossa devoção para com o Rosario da Senhora: no Sermão do engenho mostra bem o tendal da sua habilidade, o assucar mais engenhoso do seu discurso, pois sendo este Sermão todo doutrinal, & reprehensivo, não deixa de ser doce no que reprehende, quando he docil no que ensina, & com tal graça, q he todo engenho na forma, ainda quando he engenho na materia, bem se pôde dizer deste Sermão o que já disse David: *Quàm dulcia faucibus meis eloquia tua super mel ori meo!* O terceiro Sermão sendo todo espinhos para o sentimento, não deyxade ser todo flores para o agrado, mas se neste mundo a culpa converteo as flores em espinhos: *Spinnae, & tribulos germinabit tibi;* tal foi a arte do Author neste Sermão, que converteo os espinhos em flores, & bem podemos já dizer, *Flores apparuerunt.* Bem he logo que pelo prelo se fação perpetuas flores, que por serem frutas não merecem ser caducas.

\*\*\*

Mas

Mas porque não pareça panegyrista, quando  
a obediencia me faz censor, concludo finalmente  
que o meu parecer he não ter que censurar, an-  
tes a esta obra fico summamente agradecido, &  
ao seu Author grandemente obrigado, dizendo  
com certo caridofo:

*Vive ergo Scriptor multis memorabilis amnis,*

*Ingenijque tui nobile vivat opus.*

Tenho dito o que me parece, salvo melioris judicio.  
Convento de Nossa Senhora das Neves 6. de Ju-  
nho de 1701.

*Fr. Luis da Purificação.*

LICEN-



(\*)

## LICENÇA DA ORDEM.

**F**rey Joseph de Santa Catharina, Ministro Provincial da Provincia de Santo Antonio do Brasil, ao Padre Mestre Fr. Antonio do Rosario, filho da mesma Provincia, Missionario Apostolico neste Estado do Brasil, saude, & paz em nosso Senhor Jesu Christo. Por quanto V. Charidade nos fez presente hum livro, que se intitula, *Frutas do Brasil*, numa nova, & alectica Monarchia, o remetemos, segundo nossos Estatutos, a pessoas graves, & doutas da nossa Ordem, para q̃ o examinassem, & approvassem: da sua approvaçãõ nos consta não ter cousa que se encontre com os Sagrados Canones, & decretos Apostolicos, & leys da nossa Seraphica Religiaõ, mas antes ser obra de utilidade, & bem das almas; por tanto por virtude das presentes damos a V. Charidade a nossa bençaõ, & concedemos licença para que se possa imprimir o dito livro. Dada neste Convento do Recife aos 13. de Junho de 1701.

*Fr. Joseph de S. Catharina,*  
*Ministro Provincial.*

## Approvaçãõ do Paço.

**O**Rdename V. Magestade que veja este Livro, intitulado, *Fritas do Brasil*, de que he Author o M. R. P. M. Fr. Antonio do Rosario, da Provincia de Santo Antonio, & Missionario daquelle Estado, & o informe com meu parecer. Este engenho do Author, he hum dos mais reaes de toda a America pelo que descobre nos sentidos, Mystico, Allegorico, & Metaphorico, com inventivas proveitosas nas virtudes, & invectivas curiosas contra os vicios. Entre o muito que descobre, diz hũa verdade digna de se observar, & he, que a India, & Mina, que hoje tem Portugal, he o Brasil; porque a India ja não he India; & o Brasil não só pelo ouro, que manda, mas pelos diamantes, não em bizalhos, mas em caixas, que todos os annos vem a este Reyno, he o Brasil o que o faz tão opulento, como se vê, & experimenta; pede o Author que V. Magestade ponha a sua real attençaõ em amparar, adiantar, & augmentar o Brasil: não approvo menos esta petição, do que o livro, por ser tão justa, & sendo pelo bem do Reyno a petição do Author, contra o Reyno não contém nada o livro. V. Magestade mandará o que for servido. Collegio de Santo Antão 8. de Abril de 1782.

Balbezar Duarte.



L I C E N Ç A S .

**P**ode-se imprimir o livro de que esta petição trata, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa 24. de Janeiro de 1702.

*Carneiro. Fr. Gonçalo. Haffe. Monteiro.  
Ribeiro.*

**P**ode-se imprimir o livro de que esta petição trata, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 30. de Janeiro de 1702.

*Fr. Pedro Bispo de Bona.*

**Q**ue se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará á mesa para se taxar, & conferir. Lisboa 18. de Abril de 1702.

*Oliveira. Mouzinho. Lacerda. Vieira.*

*FRUTAS DO BRASIL*  
*que se contem neste Livro.*

1. Ananás, pag. 1.
2. Cana de assucar, pag. 46.
3. Coroa, pag. 106.
4. Mamoës, pag. 109.
5. Umbús, pag. 110.
6. Jabuticabas, pag. *ibid.*
7. Cajús, pag. 111.
8. Mapurungas, pag. 115.
9. Cambois, pag. *ibid.*
10. Oiticoros, pag. 117.
11. Piquiás, pag. *ibid.*
12. Genipapos, pag. 119.
13. Capucaias, pag. *ibid.*
14. Gargauba, pag. 121.
15. Fruta de Conde, pag. 125.
16. Coqueiros, pag. 126.
17. Areticuapé, pag. 128.
18. Macujes, pag. 130.
19. Mangabas, pag. 132.
20. Jara-



20. Jaracateá, pag. ibid.
21. Mandacaru, pag. 136.
22. Cajás, pag. 137.
23. Pitangas, pag. 141.
24. Caracazes, pag. 143.
25. Bananas, pag. 146.
26. Gaiabas, pag. 147.
27. Aracazes, pag. 148.
28. Ubaias, pag. ibid. & 151.
29. Pitombas, pag. ibid.
30. Menduís, pag. 149.
31. Morecís, pag. 150.
32. Cardos, pag. 151.
33. Oitituruba, pag. 152.
34. Joás, pag. 154.
35. Maracujá, pag. 155.
36. Perluxos, pag. ibid.

# B R E F A Ç A M.



**A**s terras segundo as influencias varias do Ceo  
 allim como produzem homẽs de varias cores,  
 & linguas, produzem com a mesma diverfi-  
 dade infinitas castas de frutas: esta America de Por-  
 tugal, como he hũ novo mundo, q̃ depois de muitos se-  
 culos descobrião os Portuguezes, como he o novo  
 Ceo, & nova terra, que vio, & previo São João no seu  
 Apocalypse: *Vidi Cælum novum, & terram novam,*  
 produz novas frutas nas formas, cores, & sabores,  
 muito diversas das que nascem no mundo velho, &  
 por isso mysteriosas, & dignas de se allegorizar nel-  
 lãshuma nova, & auctica Monarchia. Quizerão as  
 arvores formar hum imperio, quizerão levantar, &  
 acclamar Rey, fallarão à Oliveyra, à Figueira, à Vi-  
 de, offerreirão-lhe o cetro, a coroa de todos os fru-  
 tos da terra; não quizerão ellas aceitar o governo, por  
 não perderem a doçura dos seus frutos, o descanso  
 das suas vidas, a quietação das suas casas: fallouse ao  
 Espinheiro, logo aceitou o governo: ora lá se avenha  
 Deos com o seu mundo velho, governe, & seja Rey o  
 Espinheiro mais espinhado; que cã no mundo novo,  
 no mundo do Brasil, a Monarchia das frutas, o Rey, a  
 Rainha, os tres Estados, Ecclesiastico, Nobreza, &  
 Povo, são como Deos os fez; & a natureza os creou  
 para gloria do Creador, sustento do corpo, edifica-  
 ção d'alma, com as moralidades mysticas, espirituas,  
 que he a nõta obrigação, & não com as virtudes, &  
 propriedades naturaes, que pertencem aos Medicos,  
 & Cirurgiões corporaes. He verdade que a sciencia  
 mystica, he medicina d'alma, mas não se mete no que  
 pertence à saude corporal, ou mera curiosidade dos  
 que dizem, & não fazem, dos que notaõ, mas não ef-  
 crevem.

*Apoc.  
 cap. 21.  
 vers. 1.*

*Parabo-  
 lade Jo-  
 athão:  
 Ierunt  
 ligna ut  
 ungeret  
 super se  
 Regem.*

*Judic. 9  
 vers. 15  
 Si verè  
 me Re-  
 gem vo-  
 bis con-  
 stituitis  
 venite,  
 & sub  
 umbra  
 mea re-  
 quiesci-  
 te.*





# PARABOLA

## PRIMEYRA.

---

### CAPITULO I.

*Do Ananàs Rey dos pomos.*

**N**ASCE o Ananàs com coroa como Rey; na casca, que parece hum brocado em pinhas, tem a opa Real; nos espinhos como archeyros a sua guarda; pelas insignias Reaes com que a natureza o produzio tão singular, de grande, & fermosa estatura, tem a fôrma digna de imperio, entre as mais frutas

A

do

do universo ; mas pelas partes , & qualidades que tem para o bom governo , he Principe perfeito , porque he severo , & suave , sendo para o gosto a mayor delicia ; sendo taõ gostoso , suave , & deleytavel , he muy severo , aspero , & cruel para os criminosos , para os que tem chagas , & feridas : rigor , & brandura a seu tempo , he o axioma do melhor governo : a severidade sómente he impressãõ peregrina nos Principes , porque não deixão de ser homens , ainda que sejam Principes ; o mais soberano timbre da magestade , he a serenidade o mayor triumpho da coroa , he a clemencia , & benignidade. Debora governando o povo de Deos , tinha por docel hũa palma , *Sedebat sub palma* ; porque diz a Escritura que governava mais pia , do que magestofas ;



fa; mais como mãy, que como Rainha, *Surgeret mater in Israel.* He verdade que para o governo dos homens, que podem ser bõs, & mãos, são necessarios os dous attributos de justiça, & misericordia: a bondade sómente no que governa, não he boa, porque sendo bom o que governa, pòde ser mão o seu governo; sendo bom para si, será mão para os outros; & por isso convem ser como o Rey dos pomos, brando, & severo. O Rey do Ceo, & da terra appareceo a São João no Apocalypse, na figura de Cordeiro, & Leão; para ensinar aos que governão, o rigor, & brandura a seu tempo; para mostrar que se para os bõs he boa a brandura, & para os mãos; para os rebeldes, & criminosos he necessario todo o rigor, & toda a violencia. Lucif.

*Judic.  
cap. 7.  
vers. 7.*

Apocal.  
cap. 12.  
vers. 9.

fer foi lançado do Ceo como dragão: *Projectus est draco*; os outros Anjos, q̄ não forão dragões, cahirão como estrellas: para desapossar dragões ha de haver força, & violencia. David, que foy hū Rey talhado pelo coração de Deos, sendo bonissimo, & clemētissimo pelo que soffreo a Saul, a Absalão, a Semei, foy acerrimo defensor da justiça. Pela manhã muyto cedo me levantava (diz elle) para matar os peccadores da terra, para castigar os delinquentes. Para a justiça ser tēperada cō a clemencia, he muy necessaria nos Principes a princeza das virtudes, que he a prudencia, porq̄ sem esta não ha saber o dissimular para reynar. Do Emperador Julio Agricola diz Cornelio Tacito, que sabēdo tudo, não executava tudo o q̄ sabia, fundavase a sua politica em di-

In ma-  
tutino  
interfi-  
ciebam  
omnes  
pecca-  
tores  
terræ.  
*Psalm.*  
100.  
vers. 8.



zer que se não havia de crer tudo, nem deyxar de crer alguma coufa: porque o crer tudo, era de animos ligeiros; não crer nada, de ignorantes; crer alguma coufa, de prudentes, & entendidos. Bem fez logo o Creator de dar coroa, & insignias Reaes ao Ananàs do Brasil com os attributos de suave, & severo, para exemplo dos governos; suave, & delicioso para os saõs, que saõ os benemeritos; severo, & nocivo para os feridos, & chagados, que saõ os rebeldes, & criminosos: he tão suave, & gostoso, que não ha pomo que se lhe iguale na doçura; he tam aspero, & violento, que atè o mesmo ferro cõ que se corta, o gasta. Seja pois Rey dos pomos quem sabendo tanto, sabe temperar as doçuras com os rigores, dando aos governos

do mundo maximas, & leys divinas, & humanas.

## CAPITULO II.

*Do Anand's.*

### PARABOLA

*Do mystico Rey de si mesmo.*

*Matth.  
Homi-  
ni Regi.  
Chryf.  
Homo  
Rex.*

**Q**ualquer homem he Rey de si mesmo: *Homo Rex*, diz Chrystomo; porque dentro de si tem huma monarchia mayor que as de todos os Reys da terra; tem só na alma hum imperio de mayor valor que o mundo todo; no corpo tem ajurisdição temporal, & na alma a espiritual, para ser o monarcha, & prelado mais poderoso, & absoluto; tem o livre alvedrio, com que pòde dispor



por do seu Reyno como muito quizer, contra o proprio Deos, & Senhor de tudo; pòde destruir a sua monarchia, & condenala a penas eternas; mas assim como tem a liberdade para o mal, a tem para o bem; para se livrar dos grandes, & poderosos inimigos, que tem no mundo, diabo, & carne, tem seus tribunaes, conselhos, & desembargos; no entendimento tem o conselho de Estado, na vontade conselho de Guerra, na memoria conselho Ultramarino; os conselheiros de Estado saõ, Apprehensãõ, Discursõ, & Juizo; estes saõ os que examinaõ, & penetraõ os movimentos contrarios da natureza, & da graça, de que muito depende o Reyno do homem.

A natureza trabalha só pela sua conveniencia, attendendo sempre ao  
lu

lucro que pòde tirar dos outros para si; a graça pelo contrario não busca o seu commodo, & utilidade, senão o que aproveite a outrem: a natureza he amiga do ocio, & descanso corporal; a graça não està ociosa, de boa vontade abraça o trabalho: a natureza anela honras, applausos, foge dos desprezos, & confusoens; a graça attribue a Deos toda a honra, & gloria; sofre afrontas, agravos, & contumelias por amor de Deos: a natureza quer cousas curiosas, & agradaveis, aborrece as vãs, & grosseiras; a graça não despreza as pobrezaas, & asperzas: a natureza quer galas, delicias, he amiga de bons bocados, cama branda, sono solto, trajo luzido; a graça quer abstinencias, mortificaçoens, parsimonias: a natureza gloria-se do lugar,



gar, & do posto que occupa, jactase do nascimento nobre, corteja os poderosos, lisongea os grandes, faz obsequios aos ricos; a graça não faz caso do lugar, nem do nascimento, mais favorece ao pobre, do que ao rico, mais se compadece do innocente, que do poderoso: a natureza quer ser conhecida, para ser louvada, & admirada; a graça não quer conhecimentos, nem famas, não procura novidades, nem curiosidades; porque sabe que sobre a terra não ha cousa nova, nem perduravel: a natureza não se quer dar por vencida, repugna ser arguida, nem quer estar sojeita; a graça não quer usar da propria liberdade, não quer dominar, mas antes gosta de se sojeitar, & obedecer a toda a creatura por amor de Deos; esta graça, que he lume

fobrenatural, dom de Deos, final dos escolhidos, dizem os confelheiros de Estado ao Rey de si mesmo, he sobre todos os dotes, & prendas da natureza, & da fortuna; sem esta graça não valem riquezas, sciencias, gentileza, fortaleza, engenho, eloquencia; sem esta graça, nem milagres, nem profecias aproveitaõ; sem esta graça, nem a Fè, nem a Esperança, nem todas as mais virtudes são aceitas a Deos; só esta graça basta, homem Rey, para o teu reyno ser invencivel, & formidavel a todos os teus inimigos.

Na vontade está o Conselho de Guerra: deste conselho sahem as resoluçoens, & os decretos do odio, & afeição, para se abraçar o mal, ou o bem: neste conselho se trata sobre a guerra, que ha entre a carne,



& o espirito, & se dispoem os exercitos, os sitios, as estratagemas, as enuestaduras, & retiradas, os despojos, as victorias do mundo, da carne, & do diabo: neste tribunal se consultaõ, & se resolvem os me-yos mais opportunos, & remedios mais efficazes para se abraçarem as virtudes, & abominarem os vicios.

O entendimento, que he o letrado da vontade, dá o seu voto, dizendo:

Que aproveita crear o corpo em delicias, & depois no inferno padecer eternos, & gravissimos tormentos?

Que aproveita ser nesta vida louvado, & applaudido, & no outro mundo confundido, & condenado?

Que importa ser cà grande homem, grande qualidade, grande cabedal, grande juizo, grande doutor, & não ser do numero dos escolhidos,

fer perpetuo escravo dos demonios no inferno? Resoluçãõ, resoluçãõ, mortifique-se a carne, morraõ os appetites, enforquem-se os vicios, cesse a propria vontade, & naõ averà inferno, diz São Bernardo, mas que se perca o mundo, a fazenda, a vida, o credito, a faude. Que importa, diz o Salvador do mundo, ao homem ser senhor do mundo, se tiver perda na sua alma? se se perder, que lhe aproveita ser senhor do mundo todo? Isto diz, isto aconselha o entendimento à vontade nas consultas, & conferencias da guerra, que a carne faz ao espirito.

*Matth.  
cap. 16.  
vers. 26.*

O conselho Ultramar està na memoria: os Novissimos do homem, Morte, Juizo, Inferno, Paraizo, são as conquistas ultramarinas; porque por ellas se passa do mar deste



mundo à terra firme da verdade; estas conquistas são as Indias, os Brasis, as Angolas, com que se enriquece a monarchia espiritual: fazendo o homem Rey memoria da Morte, Juizo, Inferno, Paraíso, faz grande negocio, porque com o temor da morte, & muito mais da conta, com a esperança do premio se anima a vencer os appetites desordenados, a conquistar as payxoens rebeldes, & contrarias à razaõ; & desta forte vencendo, & conquistando os seus inimigos pelo ultramar dos Novissimos, enriquece, &

augmenta o reyno, enriquece as alfandegas, & vem a lograr pela opulencia da graça, aquella paz; a fermosura da paz, digo, que profetizou

Isaias ao povo de Deos.

Neste reyno tambem ha pleitos,

B iij

&

Isai. 32.  
vers. 18.

Et se-  
debit  
popu-  
lus meus  
in pul-  
chritu-  
dine pa-  
cis, in  
requie  
opulen-  
ta.

*Epist.  
Beati  
Jacobi.  
Unde  
bella &  
lites?  
non ne  
ex con-  
cupif-  
centijs  
vestris,  
quæ mi-  
litant in  
mem-  
bris ves-  
tris?*

& demandas, que nascem, como diz o Apostolo São-Tiago, das nossas concupiscencias, & más inclinações: para estes litigios, & causas, que se movem dentro de nós mesmos, a-lem dos conselhos, tem o homem Rey sua Relação, & Desembargo do Paço: a Fé, a razão, o temor, a consciencia, são os Desembargadores, que relataõ as culpas, julgaõ as causas, sentençaõ os autos conforme o direito, & ordenação das leys divinas: os pleiteantes são os affectos, & payxoens humanas, os vicios contra as virtudes: as penas são carceres, açoutes, tratos de polè, confiscação de fazenda, degradação, sentença de morte.

A pena de carceres he prender, refrear, & sopear as más inclinações, os movimentos da carne, re-  
belli-



bellioens da natureza : açoutes faõ  
 as disciplinas que se tomaõ para so-  
 jeitar o corpo ao espirito , fazendo-o  
 confessar que he sojeito , & escravo  
 seu : trato de polé he o exercicio da  
 Oraçaõ mental , com que se dà tra-  
 tos ao juizo com a meditaçaõ das  
 verdades , & mysterios da nossa Fè,  
 para se abominarem os peccados , &  
 amaremse as virtudes: a confiscaçaõ  
 da fazenda , he o desapego dos bens  
 do mundo , para se fixar o coraçãõ  
 no summo bem do Ceo : degrada-  
 çãõ , he o retiro , a solidaõ , o silen-  
 cio. A cella frequentada , diz Tho-  
 mas de Chempis , he paraíso ; a cel-  
 la enfastiada he inferno. A ultima,  
 & melhor sentença , que se dá nesta  
 Relaçãõ , he de morte ; he fazer aca-  
 bar a vida antes da morte ; he o vi-  
 ver , & naõ viver de S. Paulo ; he

Vivõ  
 ego jam  
 non  
 ego, vi-  
 vit verò  
 in me  
 Chris-  
 tus.  
 D. Paul.  
 ad Ga-  
 lat. 2.  
 vers. 19.

ter

ter ja largado os appetites , & as vontades ; he naõ sentir , nem fazer caso dos louvores , & vituperios dos homens ; he naõ se lhe dar do que vai , nem do que vem ; he zombar dos vaivens da fortuna , estar livre de todas as perturbaçoens , de todos os desgostos , de todos os infortunios , livre de cuidados do mundo , livre de emulaçoens , livre de esperanças , de temores , de pezares , de molestias , & inquietaçoens da vida ; esta morte , ou esta vida he bemaventurada , porque he a causa de summa paz , de summa felicidade , de summo descanso ; destes sentenciados à morte espiri- tual se diz com certeza , verdade , & gloria , o *Requiescant in pace.*



## CAPITULO III.

*Do Parabolico Anand's,*NUM PANEGYRICO  
do Santissimo Rosario.*Beatus venter, qui te portavit.*

LUC. II.

**N**OVOS ceos, novas terras, novas excellencias, poderes, & maravilhas do Rosario. *Cum eo eram cuncta componens.* A Senhora do Rosario, diz a Igreja, tambem compoz o livro do mundo com o divino Compositor: *Quid est mundus? Est liber divinitatis:* O mundo que he? Hum livro da divindade, obra da

*Prov.  
cap. 8.  
vers. 30.  
Cum eo  
eram  
cuncta  
com-  
ponens.*

C

di-

divina omnipotencia, disse o grande Antonio do Egypto. No primeiro tomo do livro do mundo debuxou a Senhora o seu Rosario em flores: no segundo tomo do mundo, que he o Brasil, estampou o Rosario em frutos, para se cumprir o que diz por Salamaõ nos Cantares: *Fulcite me floribus, stipate me malis*. Quiz a Senhora que o seu santissimo Rosario fosse florido, & frutifero, tivesse das flores o agrado, & dos frutos a utilidade; por isso na Europa em rosas, & na America em frutos. Se o Creador em companhia da Senhora: *Cum eo eram cuncta componens*, fez a rosa Rainha das flores, dando-lhe coroa, purpura, trono, & guarda Real; porque avia de representar na cor os mysterios gozofos, nos espinhos os dolorofos, & na gala os gloriosos;

no

*Cant.*  
*cap. 2.*  
*vers. 5.*



no mundo novo fez o Ananàs com o mesmo estado, & apparatus Real, de coroa, cetro, purpura, guardas para que o Rosario de sua Mãe fosse em fruto, o que no mundo velho era flor; por isso fez no Ananàs aquelle sublime fruto da terra, que profetizou Isaias: *Fructus terræ sublimis*; para que na suavidade do gosto representasse os mysterios gozosos, nos espinhos os dolorosos, na sublime, & magestosa forma, & estatura os gloriosos: *Fructus terræ sublimis*.

O Evangelho do Rosario he, *Beatus venter*; o seu commento pòde ser o *Benedictus fructus ventris tui* de Santa Isabel, com o *Terra dedit fructum suum* de David, & tudo confirmado com a oração da Igreja na festa do Rosario, *Eorum fructus percipere mereamur in Cælis*; supposto

Isaias  
cap. 2.  
vers. 2.

Luc. 1.  
vers. 42

Psal.  
66.  
vers. 7.

que o Rosario se possa chamar fruto, como se chama flor ; que possa ter o titulo de frutos, como tem a denominação de rosas ; porque não ha de ser fruto da terra, em que se chama flor? & quando chegue a nossa consideração a dizer, que quiz a divina bondade repartir o Rosario entre hum, & outro mundo, dando-o ao primeiro mundo em flor, & ao segundo em fruto; porque ha de ser o Ananàs, & não outro fruto do Brasil, a metafora do Rosario? Porque em todo o mundo não ha fruta, que mais tenha da Senhora do Rosario, do que o Ananàs. O nome o diz, Ananàs val o mesmo que, *Anna nascitur*: De S. Anna naceo a Mãe de Deos. Anna quer dizer graça; cento & sincoenta vezes se nomea no Rosario a filha de Anna chea de graça;



ça; & se os nomes são sinaes das naturezas que os tem, o Ananás he o fruto que melhor significa a Senhora do Rosario, porque contém a origem da sua chea de graça, de que está cheyo o Rosario, & ainda que *Annanascitur*, tenha mais letras que Ananás, não lhe tira a significação do mysterio: tambem Pernambuco começou por Paranabuca, & a Paraíba por Paranáaiba, & pela corrupção dos tempos Paranabuca, he Pernambuco, Paranàaiba he Paraíba: logo tambem se pòde dizer que *Annanascitur*, he Ananàs, o mais sublime, & magestoso fruto desta terra, a metafora, a significação, & o retrato do Rosario.

No enigmatico livro dos Cantares tenho grande argumento para o Ananás ser o que significa, para o

compararmos com o Rosario. Os  
 Authores do Rosario são compara-  
 dos com frutos da terra; Christo Se-  
 nhor nosso he comparado com a ma-  
 ceira, *Sicut malus inter ligna silvarum;*  
 & a Senhora do Rosario com a ro-  
 meira, *Sicut fragmen mali punici;* ago-  
 ra argumento perguntando: O Ana-  
 nazeiro do Brasil, que Deos creou  
 com a Senhora, *Cum eo eram cuncta*  
*componens*, como creou a maceira, &  
 a romeira, porque não ha de entrar  
 no predicamento do Rosario? Os  
 Ananazes porque não haõ de entrar  
 na conta das maçans, & das romans,  
 tendo no nome, & nas metáforas  
 dos mysterios do Rosario taõ ajusta-  
 das correspondencias? Se a maçã, &  
 a romã tem com Christo, & a Se-  
 nhora, Authores do Rosario, al-  
 guma semelhança, & por isso lograõ

OS

*Cant.*  
*cap. 1.*  
*vers. 3.*

*Cant.*  
*cap. 4.*  
*vers. 3.*



os privilegios da comparação tão soberana, & divina, *Sicut malus: Sicut fragmen*; o Ananás, por ser deste novo mundo a fruta mais realenga, o fruto mais sublime da terra, *Fructus terræ sublimis*, o fruto mais digno, & merecedor de representar o bemdito fruto do virginal ventre, *Beatus venter*, tenha também o foro, a regalia do Rosario, como tem as rosas, & maçãs da Europa, *Sicut plantatio rosæ. Fructus terræ sublimis.*

Se o Rosario he flor, & fruto, ponhamos em questão qual seja melhor figura do Rosario, a flor, ou o fruto; a rosa, ou o Ananás. Com a benção de Deos se resolverá a questão. Lançou Deos a sua benção à terra para produzir plantas, nomeando sómente ervas, arvores, & frutos,

*Genes.  
cap. 1.  
vers. 11.*



& lignum pomiferum faciens fructum.

Com eu seguir a parte dos frutos, tenho lastima de que as flores, que alcatifaõ os templos, ornaõ os altares, coroaõ as imagens sagradas, ficafsem sem bençaõ; mas que lhe avemos de fazer, se a sua desgraça nasce da sua fragilidade, & inconstancia? Saõ as flores emblemas da brevidade da nossa vida: ao nosso breve vi-

Job  
cap. 14.  
vers. 1.

ver, *Brevi vivens tempore*, explicou Job pelo nascer, & logo acabar de

Job  
cap. 14.  
vers. 2.

huma flor: *Quasi flos egreditur, & concipitur*. Saõ tão caducas, & transitorias as flores, que o mesmo he apparecerem, que desapparecerem: *Flo-*

Cant.  
cap. 2.  
vers. 12.

*res apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit*, diz Salamaõ: não saõ assim os frutos, duraõ mais que as flores: as flores não passaõ de meninas a velhas; os frutos saõ novos,

&



& velhos, como diz a Esposa dos Cantares, *In portis nostris omnia poma nova, & vetera:* as flores logo murchaõ, as frutas de guarda duraõ todo o anno; & como a virtude da bençaõ de Deos he fazer crescer, & multiplicar, permanecer, & durar os frutos que crescem, & multiplicaõ, os frutos que saõ mais firmes, & constantes que as flores, he que levãrãõ a bençaõ; & as flores ficãrãõ sem bençaõ pela fragilidade, & inconstancia da sua natureza; & se os frutos saõ mais excellentes que as flores, mais abençoados de Deos, mais ditosos, & uteis que as flores, mais excellente he logo o Rosario em fruto, do que em flor; melhor sahe no Ananás, que na rosa; porque se pela firmeza, & constancia os frutos excedem as flores, o Rosario em fru-

D

to,

to, Rosario constante, & permanente, he melhor do que em flor; mais util, & rendoso pela firmeza, & constancia da reza.

Prov.  
cap. 12.  
vers. 14.

Nos Proverbios diz o Espirito Santo: *De fructu oris sui replebitur bonis unusquisque*: Com o fruto da boca pode cada hum de nós encherse de todos os bens: o fruto da boca diz o Cardeal Hugo, que he a oração, *Fructus oris primus est oratio*: o Rosario todo he de orações, & as principaes orações vocaes da Igreja; pois porque se não ha de chamar flor, se não fruto da boca o Rosario? Porque para ser grato, & util, aceito da Senhora, & rendoso a quem o reza, *Replebitur bonis*, ha de ser em fruto, que dura mais que a flor, *De fructu oris ejus*. Por aqui entendão os devotos do Rosario, que para a sua devoção ser a-

ben-

Hugo  
supra  
citatus.



bençoada, & rica dos bens da terra, & do Ceo, hade ser perpetua, & constante; hade ser a reza de todos os dias, para ser merecedora dos bens eternos, como diz o mesmo Commentador: *Replebitur bonis æternis, quæ nunquam marcescunt.* Reparem no *marcescunt*: pelo Rosario em fruto se alcanção os bens eternos que não murchão; como se dissera: O Rosario ha de ser em fruto, & não em flor que se murcha, para se merecerem os premios que se não murchão, *Quæ nunquam marcescunt.* Bendita seja a Senhora do Rosario, bendita a terra que nos deo o Rosario em fruto, & em flor; no mundo velho em rosas, no mundo novo em Ananazes; para que em ambos os mundos se vissem por obra da natureza estampadas as excellencias do Rosario; mas no no-

vo mundo , por ser em fruto , mais  
 excellente , mais grato , & mais util  
 o Rosario no Rey dos pomos , do  
 que na Rainha das flores: *Beatus ven-*  
*ter , qui te portavit. Terra dedit fructum*  
*suum.*

Se o Rosario em fruto para as suas  
 excellencias he melhor do que em  
 flor , para os poderes he mais ajusta-  
 do o frutifero , do que o florido : pe-  
 los frutos se entendē as acçoēs, & o-  
 bras: *A fructibus eorū cognoscetis eos;* pe-  
 las flores os desejos , & as palavras;  
 & quem duvida, q̄ mais poderoso he  
 o Rosario em fruto effectivo, do que  
 affectado, do q̄ em flor frustrado , &  
 baldado? *Frustra est potentia , quæ non*  
*reducitur ad actum.* A potencia, dizem  
 os Philosophos , que não produz os  
 seus actos , he baldada , porque não  
 dá o fruto que deve à sua natureza:

*Matth.*  
*cap. 7.*  
*vers. 16.*



o Rosario em flor sem fruto, pòde ser esteril, infecundo; faltandolhe o fruto, arriscado està às condemnações, & castigos da esterilidade. Que aproveitou a Rachel a sua fermosura? Antes morrerei, dizia ella, do que não dar fruto, do que não ter filhos: *Alioquin moriar.* Que aproveitou à figueira do Evangelho o apparato, & abundancia de folhas, se não tinha fruto? condenou-a Christo, amaldiçoandoa logo secou, *aruit;* porque julgou o Senhor que melhor era não ser arvore, que ser arvore sem fruto: pois se as potencias semiactos são baldadas, as Raqueis sem filhos antes querem ser mortas, as arvores sem fruto são condenadas; melhor he logo o Rosario em fruto, do que em flor; porque para a significação dos seus poderes, são os frutos mais

Gen.  
cap. 30.  
vers. 1.

Mar.  
cap. 11.  
vers. 21.

accomodados, do que as flores; não se podiaõ colher os soberanos poderes do Rosario pelas flores, ou pelas folhas, senão pelos frutos; porque pelo fruto se conhece a arvore: *Ex*

*Math.*  
*cap. 12.*  
*vers. 33.*

*fructu arbor agnoscitur.*

Sonhou ElRey Nabuchodonor com huma arvore, tão alta, & poderosa, que chegava ao Ceo: *Pro-*

*Dan.*  
*cap. 64.*  
*vers. 8.*

*ceritas ejus contingens Cælum.* Os sonhos sempre foraõ hyperbolicos;

como se obrãõ com os olhos fechados, excedem as medidas dos olhos abertos: mas eu reparo que com serem os sonhos ordinariamente defatados, disparatados, este sonho de Nabuco sobre a arvore taõ alta que enramava o firmamento, *contingens Cælum*, foi coherente, & formal, porque o fruto era pela medida da arvore, *fructus ejus nimius*: huma vez

*Idem*  
*cap. 4.*  
*vers. 9.*

que



que a arvore foi tão desmedida, o fruto avia de ser demasiado: os frutos são as medidas dos poderes: arvore tão grande, & tão poderosa que chegava ao Ceo, *contingens Caelum*, que fruto avia de dar senão hum poder de frutos, *fructus ejus nimius*? O Rosario em flor não mostra os seus poderes, se não em fruto; porque o fruto he o final, & a prova do poder, como he o ver dos olhos, o entender do juizo; se não ha fruto, se não ha obra, não ha poder. Em que mostra Deos o seu poder? Em estar sempre obrando: *Pater meus usque modo operatur*. Para o Rosario ter o credito de poderoso, necessario era ter o nome de fruto, & fruto tão grande, & poderoso como o Ananás. A Divina Compositora do livro deste novo mundo, *Cum eo eram cuncta*

Joan.  
cap. 5.  
vers. 17.

*cuncta componens*, depois de no primeiro mundo dispor a rosa para o seu Rosario, dandolhe todas as excellencias, virtudes, & poderes que dizem os Authores, querendo sahir com melhorada forma, sublimou tanto o Rosario, que o poz em fruto de coroa, Rey dos pomos, gigante das frutas, para memoria dos altissimos poderes do santissimo Rosario.

A mayor maravilha das maravilhas do Rosario, & causa de todos os seus prodigios he ser huma oração, ou muitas orações por pensamentos, palavras, & obras: as outras orações mentaes, ou vocaes, que se usão fóra do Rosario, fazem-se com pensamentos meditando, ou com palavras rezando; a oração do Rosario fazse com a boca rezando,  
com



com o pensamento contemplando,  
 & com as obras dos merecimentos  
 de Christo, & da Senhora, que se  
 contêm nos quinze mysterios. Orar  
 com obras, & taes obras, mais he q̃  
 obrar só com palavras, ou pensamen-  
 tos; & porque o Rosario tem esta ex-  
 cellencia, poder, & maravilha so-  
 bre todas as mais orações, de ser ora-  
 ção por obras, não he maravilha ser  
 tida pela mayor maravilha. Duas  
 grandes maravilhas succedéraõ nas  
 campanhas de Israel: hum Rapaz  
 como David naquelle tempo, de-  
 gollar hum gigante mayor dos Filis-  
 teos: huma mulher como Judit, de-  
 gollar a Holofernes, General do  
 mais poderoso exercito de Nabuco-  
 donosor: ambas estas victorias fo-  
 raõ celebradas, & cantadas, como  
 taõ dignas de toda a memoria, & ce-

E

lebr-

1. Reg.  
cap. 18.  
vers. 6.

Judit  
16.  
vers.  
31.

Judit  
cap. 13.  
vers.  
10.

lebridade , mas com differença de tempo , & lugar : que a victoria de David foi cantada no dia do triumpho : *Egressæ sunt mulieres cantantes ;* a victoria de Judit foi cantada , & celebrada do dia em que succedeo até o presente tempo , diz a Escritura : *Dies autem victoriæ hujus festivitatis ab Hebræis colitur ex illo tempore usque ad præsentem diem.* Estas victorias tão prodigiosas foraõ alcançadas por orações : David entrou na batalha com o Gigante armado com o nome de Deos , encomendandose muito a Deos : *Ego autem venio ad te in nomine Domini exercituum.* Judit não só teve oração antes de degollar Holofernes , mas no mesmo acto que degollou , orou , orando , & degollando fez a maravilha : *Confirma me Domine Deus in hac hora :* de David não se con-

1001

H

ta



ta que orando degollasse, teria orado antes de degollar; mas Judit com o alfanje na mão, com a oração na boca orou obrando, ou obrou orando: em sua casa, no seu oratorio tinha Judit oração por pensamentos, & palavras; mas na degollação de Holofernes orou por pensamentos, palavras, & obras, orou como se orasse com hum Rosario nas mãos; ao menos como figura do Rosario foi a oração de Judit. *Omnia in figura contingebant illis*, diz S. Paulo, que o que se fazia na ley velha era figura da nova. Orou Judit com obras, fez maior maravilha que David; orou com o Rosario em figura, unindo a oração com a obra, por isso mais cantada, & mais celebrada será a sua vitória, que a de David; porque oração tão rara que se não faz só com

1. Cor.  
cap. 10.  
vers. 11.

1. Cor.  
cap. 10.  
vers. 11.

palavras, & pensamentos, mas com obras, cantele, & celebrese por todo o mundo huma, & muitas vezes: *Ex illo tempore usque ad præsentem diem*; pela maravilha das maravilhas, & causa de todos os prodigios, que obra o santissimo Rosario, & obra-rà atè o fim do mundo.

Chegarão os Reis do Oriente à lapa de Belem, adoráraõ o Rosario no terceiro mysterio dos gozofos; mas como adoráraõ? com os thesouros abertos nas mãos: *Adoraverunt, & apertis thesauris suis*: o &, he a conjunção que ata o orar com o obrar; virão o Rosario por obra, o Minino Deos nascido nas mãos da Senhora do Rosario: *Invenereunt puerum cum Maria matre ejus*; como sabios, & politicos oráraõ, & adoráraõ com o fruto das suas mãos, com os thesou-

*Math.*  
*cap. 2.*  
*vers. 11.*



ros das suas terras: *Apertis thesauris suis obtulerunt ei munera*; & como os Magos foubirão adorar, & imitar o Rosario, ajuntando a adoração com a obra, logo se seguiu a maravilha de voltarem para os seus Reynos melhores do que vierão, mais sabios, & mais ricos do que erão: *Meliores utique quàm venerant, reuertuntur*, diz S. Ambrosio.

D.  
Amb.

Não se jacte só a Asia das maravilhas do Rosario na adoração, & offerta dos Reys Orientaes, não lhe pareça q̄ só nas suas terras ha frutos do Rosario, figuras dos seus mysterios; no incenso os mysterios gozofos, na myrra os dolorofos; no ouro os gloriosos: tambem a nossa America tem frutos para representar as excellencias, poderes, & maravilhas do Rosario; num só fruto que a Concreadora

Cant.  
cap. 3.  
vers.  
12.

do mundo, *Cum eo eram cuncta componens*, plântou no Brasil, incluiu todo o Jardim do Rosario: *Hortus conclusus soror mea sponsa, hortus conclusus*. O Ananás como Rey dos pomos, & de tantas prendas, com que o adornou a natureza guiada pela divina Providencia, para nelle se representar o santissimo Rosario com todos os seus mysterios, he o fruto com que a Senhora do Rosario restaurou, o que pelo fruto de hũa se perdeu. *ob anan*

Hum homem, huma mulher, hum pomo forão as causas da nossa perdição, Adão, Eva, & o fruto vedado que comêrão: outro homem, outra mulher, outro pomo forão os restauradores: outro homem Christo Senhor nosso, Deos, & homem verdadeiro: outra mulher, a Virgem Maria, Mãe de Deos, produzirão

ob

iii H

com



com suas vidas, & merecimentos o Rosario como fruto, para contrapomo, & contraveneno do que incomparavelmente causou mayor ruina que o pomo de Paris na destruição de Troya. Contra a bala da maçã ervada do Paraiso fez Deos com assistência de sua Mãe o Ananás do Brasil com a figura do Rosario, em que estão os mysterios da nossa Redempção: *Ipse lignum tunc notavit, Eccles. damna ligni ut solveret*, diz a Igreja, que notou Deos a arvore em que Adão peccou, para desfazer os danos dessa arvore: todo o dano esteve em se comer o fruto vedado; pois para se desfazer o dano pela mesma causa por onde se fez, *Et medelam ferret inde, hostis unde leferat*, ha se de desfazer, ha se de remediar com outro fruto contraposto ao danoso do

Paraíso. E se os Theologos differem, que o fruto da arvore de Christo crucificado foi o fruto da Redempção; tambem diremos, que no Rosario está esse mysterio, & outros muytos, ou todos os mysterios de Christo, & da Senhora: para se poder dizer que se Adão, & Eva com hum pomo se perdèraõ, & nos perdèraõ a nós; Christo Senhor nosso, & sua Santissima Mãe com o Rosario como pomo nos restaurarão todas essas perdas; o que por Eva se perdeu, pela Senhora do Rosario se cobrou: Eva por comer o fruto com que o demonio a tentou, perdeu a vida dalma, & do corpo; a segunda, & melhor Eva para nos salvar, nos dá o fruto do seu Rosario, como consta das muitas almas, que por meyo do Rosario se salvão. Dizem muitos,



tos, & grandes Santos, S. Boaventura, S. Bernardino, S. Anselmo, S. Epiphânio, S. Pedro Damião, que he final de predestinados a devação da Senhora do Rosario: digo, do Rosario, por ser a invocação que mais a obriga a favorecer os seus devotos, por ser a cifra, o compendio de todas as suas graças, excellencias, & maravilhas; com que o Serafico Doutor S. Boaventura conclue dizendo, que necessariamente se perde o que se aparta da Senhora do Rosario; & he impossivel condenarse o que a ella se chega, & o que della se val, & do seu Rosario: *Omnis à te aversus, & despectus necesse est ut intereat, ita omnis ad te conversus impossibile est ut pereat.*

D. Bon.  
Ansel.

Tenho mostrado o Rosario em fruto, com amigavel contraposição

ao Rosario em flor; bem se vê que mais excellente, mais poderoso, & maravilhoso se ostenta o santissimo Rosario frutifero, do que florido; mais grato, & util posto no fruto, do que na flor; diga-o, & acabe-o de dizer a mesma Senhora do Rosario: *Veniat dilectus meus in hortum suum, comedat fructum pomorum suorum; & nostro capitulo, & lilia colligat: Venha o meu amado filho ao seu jardim comer fruta, & colher rosas: as rosas são Rosario, porque muitas vezes se converteo em rosas; mas o fruto dos pomos, fructum pomorum suorum, que será? O mesmo Rosario em fruto, como fruto dos frutos, por ter em sy os quinze mysterios, frutos da nossa redempção; & porque diz que coma o fruto, & que colha as rosas? que do Rosario em flor*  
 OS. faça

*Cant.  
cap. 5.  
vers. 1.*

*Cant.  
cap. 6.  
vers. 2.*



faça ramallete, & do Rosario em fruto pasto? Para entendermos, que de toda a sorte he o Rosario prenda de agrado, & estimação para os seus Authores; como flor, agradável, delicioso; como fruto, util, & saboroso; & quando o jardim seja o Rosario, o fruto dos frutos são os mysterios do Rosario, & estes frutos, & não as rosas, são o pasto, a delicia, o manjar do Senhor do Rosario: *Comedat fructum pomorum suorum*: he tal o Rosario em fruto, pelas ventagões, que faz à flor, que o pôde comer o mesmo Deos como fruto dos frutos: *Comedat fructum pomorum suorum*.

Dignamente a Igreja na festa do Rosario, o solemniza com o *Beatus venter, qui te portavit*, louvando o purissimo ventre da Senhora, a terra que deu o fruto dos frutos, o

Senhor, & Fundador do Rosario em fruto, como profetizou o Psalmista: *Terra dedit fructum suum*; & noutra parte diz Daniel Profeta: *Benedicat terra Dominum*: Louvemos, & agradeçamos a Deos o fruto, que nos deu a virginal terra de sua santissima Mãe; & ella, porque só ella o pôde louvar, pois de ambos he o fruto do Rosario, ambos concorrem para a sua creação: *Benedicat terra Dominum, laudet, & superexaltet eum in sæcula*; & a terra, que dá o fruto, que representa o Rosario na melhor forma que temos visto, louvando a Deos se louva a si. Os exploradores da terra da promessa para provarem a bondade da terra, *Terra, quam circumuimus, valde bona est*, mostravaõ a grandeza do cacho de uvas, que ambos carregaraõ, *ut ex his fructibus cognosci potest.*

Dan.  
cap. 3.  
vers. 74

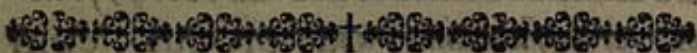
Num.  
cap. 14.  
vers. 7.

Num.  
cap. 13.  
vers. 28



*potest.* Boa terra he o Brasil, & mais  
 que boa, *valde bona est*, que mais naõ  
 fora, que pela grandeza, magestade  
 do mais sublime fruto da terra, *fructus  
 terrae sublimis*, que produz, com  
 tanta abundancia: no Ananás Rey  
 dos pomos, pondo de parte a sua  
 grandeza, o seu sabor, o seu prestimo,  
 só por ser estampa, & retrato  
 do Rosario, com todas as proprie-  
 dades, & perfeições requisitas, me-  
 rece a terra dos Ananazes o louvor  
 da terra da promissaõ, *valde bona est;*  
 & pelo merecimento do fruto, que  
 dà, pela propriedade com que põde  
 festejar o Rosario, como fruto da  
 benditissima terra da Senhora do  
 Rosario, *Beatus venter, qui te porta-  
 vit*, podem os seus ditos moradores  
 requerer pela terra, em que vi-  
 vem, o *fructum pomorum suorum*, o fru-

to do Rosário, medianeiro poderoso do fruto da graça, & do fruto da gloria.



# PARABOLA

## SEGUNDA.

### CAPITULO I.

*Da Cana de assucar Rainha das frutas do Brasil.*

**S**E o Ananás he Rey dos pomos da America pelas prendas com que a natureza o corrou, & qualidades de que o doutou; a cana de assucar, por merce da mesma natureza, & parecer do mundo todo, he dignamente a Rainha



inha deste vasto, & doce Imperio do Brasil, pelo qual se pòde dizer, o que o outro pastor disse da sua amada, & doce patria:

*Nos patriæ fines, & dulcia linqui-* <sup>Verg.</sup>  
*mus arua.*

As melhores frutas são as mais faborosas, as mais faborosas, são as mais doces: a cana de assucar he tão doce, que he a mesma doçura, porque della se faz o assucar, de que procede toda a doçura do mundo; & fruta que não só he doce, mas a origem do que faz tudo doce; fruta que não só he doce, mas a mesma doçura, coroe-se por Rainha das frutas. Façamos paralelo da fermosura para a doçura. Sendo muitas as donzellas, que El Rey Assuero tinha escolhidas pelas mais fermosas de toda a sua Monarchia, só a Esther coroou por Rai-

*Esther**cap. 2.**vers. 17.*

Rainha: *Posuit diadema regni in capite ejus*; as outras não eraõ escolhidas, não eraõ fermosas? Consta que eraõ bem dotadas da natureza: *Querantur*

*Esther**cap. 2.**vers. 3.*

*Regi puellæ virgines, ac speciosæ*: como foi Esther a coroada por Rainha? Porque era mais fermosa que as outras: *Erat enim formosa valde*: & qual era o mais, ou o muito da sua fermosura? Era não só ser fermosa, mas ser a mesma fermosura, & *incredibili pul-*

*Cap. 2.**vers. 15*

*chritudine*: da fermosura viremos para a doçura: se Esther por ser não só muito fermosa, mas huma fermosura incrivel, *incredibili pulchritudine*; a cana, que não só he doce, mas a mesma doçura, porque della nasce o assucar, seja como Esther coroada por Rainha das frutas: *Posuit diadema regni in capite ejus*: & assim como as damas de Assuero se sojeitã-

-ia.

raõ,



raõ , & obedecèraõ a Esther , reconhecendo a superior belleza da sua Rainha : todas as mais frutas do Brasil conheçaõ , & adorem por sua Rainha a Senhora Dona Cana , porque à sua doçura se deve dar de jure a coroa de toda a fruta desta America.

Estando as tres Deosas, Pallas, Juno , & Venus em hum convite , ( he conto, ou fabula dos antigos) lançou a Deosa Discordia hum pomo com humas letras , que diziaõ : *Pulchriori detur* : Dese à mais fermosa. Contènderaõ as tres senhoras sobre qual avia de levar o pomo ; buscàraõ Juiz louvado , que foy Paris , o qual tomou o pomo de ouro , & deu-o à deosa Venus. As outras deosas naõ eraõ fermosas ? ao menos presumiaõ que eraõ , naõ só sabias, & ricas, mas fermosas : pois porque deo Paris a

G

fen-

sentença por Venus? Porque era Paris, igual, recto, & prudente; deo a maçã de ouro, que se mandava dar à mais fermosa, a Venus, porque não só era fermosa, mas a deosa da Fermosura, como Pallas da Sabedoria, & Juno da Riqueza. Se Esther levou a coroa, por ser a fermosura daquella Monarchia; se Venus levou o pomo, por ser a deosa da fermosura: a cana do Brasil, por ser a mãy do assucar, a deosa da doçura, seja a Rainha das frutas, tenha pela doçura, o que a outra teve pela fermosura: *Pulchriori detur.*

Esta Rainha he a que dà mais a Portugal do que a India, no assucar que se faz da cana, como diamantes, & perolas, que assim se chamaõ os assucares finos, tem bem enriquecido a Coroa, & Reyno de Portugal.



gal. A India Oriental ha muitos annos, que por peccados, & injustiças, já não he India; o Brasil pela cana, pelos bizalhos dos diamantes, que embarca em milhares de caxas todos os annos, he a verdadeira India, & mina dos Portuguezes: oh faibaõ, os que não sabem, conhecer, & agradecer a Deos, o que merece esta planta do novo mundo do Brasil, pelo seu taõ rico, & estimado fruto; justamente esta Rainha das frutas pelo seu precioso fabor, he a Rainha Sabá, que está sempre entrando no Reyno de Portugal com os seus effeitos, como entrou a de Sabá com muita riqueza de ouro, & pedras preciosas na Corte de Jerusalem no tempo de Salamaõ; & se o fabio, & agradecido Monarcha sou-

Reg-  
num  
à gente  
in gen-  
tem  
trans-  
fertur  
propter  
injusti-  
cias.

Ex lib.  
Eccles.  
cap. 10.  
vers. 8.

Rex  
autem  
Salomon  
dedic  
reginæ.  
Lib. 3.  
Reg.  
cap. 10.  
vers. 13

rar , & premiar a Rainha Sabà , & aos seus criados a riqueza com que o visitou ; tambem se espera , que o pacifico Rey , que na agudeza , & comprehensãõ merece o nome de Salamaõ , pelo respeito , & conveniencia da Rainha , naõ de Sabá , mas do fabor , faça os favores , que merecem os taõ fieis , & leaes Vassallos , que trabalhaõ no serviço desta Rainha , depois de perderem as vidas , & as fazendas na defenfa , & restauraçãõ do grande imperio da Senhora D. Cana , legitima Rainha das frutas desta America.



## CAPITULO II.

Da mystica interpretação da Rainha das  
Frutas.

**T**UDO o que he Deos, tudo o que  
sabe a Deos, se explica por do-  
çura. Aquella alma dos Cantares taõ  
regalada de Deos, chama ao amor  
do seu divino Esposo fruta doce:  
*Fructus ejus dulcis gutturi meo*; donde Cant. 2.  
vers. 4.  
veyo a dizer o mellifluo Bernardo,  
que tanto que a alma gosta de Deos,  
logo o mundo lhe começa a amar-  
gar: se o amor de Deos, o regalo es-  
piritual, he doçura, como diz Da-  
vid: *Prævenisti eum benedictionibus dul-* Psal.  
20.  
vers. 4.  
*cedinis*; se a vida da graça, a vida do  
espirito, a vida do contemplativo, se  
explica por suavidade, & doçura: a

cana de açúcar, que he a fonte da doçura, serà a parábola da doçura d'alma, q̄ ama a Deos, & deseja neste triste, & miseravel valle de lagrimas lograr hũa doce, & regalada vida; mas para hũa alma gostar de Deos, ha se de pòr nos tres estados, em que os Logicos consideraõ as naturezas secundum se abstractas, & contractas.

---

### C A P I T U L O III.

*Do estado d'alma secundum se.*

**P**osta huma alma no primeiro estado, que se chama da solidaõ, sózinha com Deos, entaõ he que sabe, o que sabe Deos a quem o ama: cada hũ de nõs diga na sua consideraçãõ: Neste mundo naõ ha mais que Deos, & eu: & nesta supposiçãõ experimen-



rimentará aquellas doçuras, & rega-  
 los, que costuma Deos dar aos dito-  
 sos, q̄ leva ao estado da solidaõ: ven-  
 turosa alma, que só por só goza de  
 Deos, q̄ só por só Deos lhe falla ao co-  
 raçaõ, só por só ouve o que Deos lhe  
 diz, só por só lhe representa as suas  
 misérias; pede, & alcança o remedio  
 dellas, como aquella peccadora, que  
 ficou só com Christo, ou Christo só  
 com ella: *Remansit Iesus solus, & mulier*  
*in medio stans*: naquella hora em que  
 esteve só com Christo, ficou reme-  
 diada de tudo, do passado, & do fu-  
 turo: do passado perdoada: *Neque e-*  
*go te condẽnabo*; & para o futuro ensina-  
 da, & advertida: *Noli amplius peccare.*

Os que assistem nas cortes, nas  
 praças, nas povoações, se quizerem,  
 bem se podem pôr no secundum se,  
 no estado da solidaõ, sem deixarem o

mun-

*Oscas*  
*cap. 2.*

*vers.*

14.

*Ducam*

*eam in-*

*solitu-*

*dinem,*

*& lo-*

*quar ad*

*cor*

*ejus.*

*Joan.*

*cap. 8.*

*vers. 9.*

*Psal.*  
*cap. 54.*  
*vers. 8.*

inundo; sem se meterem numa cova, podem dentro dos seus corações ter a solidão, & o deserto, como tinha El Rey David: *Ecce elongavi fugiens, & mansi in solitudine.* David no paço, David na campanha, David nas victorias, David nas perseguições, fugia para o deserto do seu coração, & ficava só por só com Deos: no meyo de hum exercito, & no mayor concurso das publicas audiencias, por fóra Rey despachando, ouvindo, respondendo; por dentro solitario, ermitão, fallando, & conversando com Deos. Não tem logo desculpa o Cortezão, o Jurista, o Negociante, o Soldado, o Estudante, & official, de deixar o só por só com Deos por amor das occupações, officios, & tratos do mundo, quando no coração se pòde ter o ermo, & a soli-



solidão, em que huma alma conver-  
fa, & communica a Deos as suas mi-  
ferias, & só com o silencio, & co-  
nhecimento humilde de suas culpas  
alcança o remedio; alli faz resenha  
dos peccados da vida passada; alli se  
delibera, & compoem a vida futura;  
alli se contão os annos que passarão,  
a contingencia dos futuros; alli me-  
de, & medita na Eternidade, ou  
sempre no Ceo, ou no Inferno; alli  
se firmão os propositos da emenda;  
alli se confirmão, & corroborão os  
protestos de nunca mais offender a  
quem nos creou, remio, & ha de  
julgar.

## CAPITULO IV.

*Do estado da abstracão.*

*Aug.  
lib. 2.  
Serm.  
mundus.*

**O**Mundo, diz o grande Agostinho, mostra-se brando, & doce, mas quanto mais brando, mais perigoso, & das suas branduras, & pestíferas doçuras he necessario que a alma abstraia, & precinda o coração, ainda que seja com dor, & molestia; porque não se deixa sem dor, diz o mesmo Santo, o que se retém com deleite. *Renuit consolari anima mea:* Aminha alma, diz David, não quer as consolações do mundo, porque só quer as de Deos; mas como a natureza humana, por sua má inclinação, & habito vicioso, está tão unida com os inferiores deleites da carne,

*Psal 76.  
vers 4.*

CAP.

H

custa



custa muito arrancar, & abstrahir  
 delles: às vezes, diz o espiritualif-  
 simo Chempis, queremos, & não  
 podemos, & nos queixamos: fui,  
 meu Deus, & Senhor, creado para  
 vos amar, & não posso quanto quero;  
 estou tão ligado com o amor vaõ, &  
 viscoso affecto das cousas do mun-  
 do, que me não posso arrancar, &  
 sacudir dellas. *Solil.*  
*O si mihi dulcescas, & 9.*  
*sapias, quàm citò fugient, & peribunt:*  
 Oh se fosseis para mim doce, & fa-  
 boroso, que depressa me abstrahiria  
 das falsas doçuras do mundo. O sen- *Ecclef.*  
 sual diz que o seu peccado he doce, *cap. 23.*  
*Homini fornicario omnis panis dulcis;* mas *vers.*  
 essa doçura do peccado são bichos, *24.*  
 commenta Hugo: *Dulcedo ejus ver-*  
*mes, idest, carnis illecebræ;* são bichos *Isai.*  
 da consciencia, que remordem a con- *cap. 66.*  
 sciencia nesta vida, & atormentão *vers.*  
*24.*

eternamente no inferno: *Vermis eorum non morietur.*

Or Navegando Ulysses para Grecia, chegou a huma Ilha de Africa, chamada Gelves; saltarão os companheiros em terra, & tanto que derão nas canas de assucar, que acharão por aquellas prayas da Libya, não se querião embarcar, esquecidos já da sua patria, que era Grecia para onde hião; assim são os que pelos vicios do mundo, deleites da carne se esquecem da patria, que he o Ceo, & não ha quem os arranque da golosina do peccado: não custou pouco a Ulysses fazer embarcar os companheiros; apportarão na Ilha das Sereas, que encantão os homens com a melodia das suas vozes; mandou Ulysses aos companheiros, que tapassem os ouvidos com cera, & a elle o atassem forte.



temente ao masto do navio. Pelas Sereas entende Ifaias os gostos sensuaes, dizendo, *Et Sirenes in delubris voluptatis*. As Sereas cantão doce-mente na vida, mas chorão amarga-mente na morte; então cantão mais alegres, quando os mares mais tempestuosos afogão os navegantes. Por Ulysses entenderão os antigos o casto, & cauto, que se sabe abstrahir dos attractivos da lascivia; pelos companheiros os movimentos da carne, para os abster, & reprimir: mandou tapar os ouvidos, porque não fossem enganados com o doce, & attracti-vo canto das Sereas, que são aquellas, pelas quaes muitos perecem.

As Sereas erão tres donzellas companheiras da deosa Proserpina, diz Ouidio, que depois que Plutão roubou a Proserpina, forão buscar

Ecclef.

cap. 9.

vers. 9.

Prop-

ter spe-

ciem

mulie-

rismul-

tiperie-

runt.

o mar, para nelle se precipitarem; os deoses compadecidos as convertèrão em meyas mulheres, & meyas peixes, figuras das rameiras, & meretrices, que não são de todo humanas, & racionaes; por não terem os appetites sojeitos à razão. O habitarem junto do mar, he porque as partes maritimas são mais lascivas, que as do sertão; o terem azas as Sereas, mostra a instabilidade, & pouca firmeza das mulheres de mão trato, porque facilmente amão, & defamão; a cobiça do interesse as faz voar de hũs para outros. S. Fulgencio diz das Sereas, que huma cantava, outra tangia citara, & outra frauta; cantavão, & tangião tão docemente, que os navegantes arrebatados da melodia adormecião, vinhão as Sereas, roubavão, & matavão. As palavras,



as galas, os momos, os tregeitos das mulheres do trato são o doce, & atractivo canto com que se enganão os fracos, & miseraveis peccadores. Aristoteles diz que as Sereas se chamavão Parcenope, Leucosa, Ligia, que habitavão no monte Peloro em Italia junto de Sicilia. Os Poetas dizem que as Sereas vendo a Ulysses tapar os ouvidos pelas não ouvir, que morrerão de pezar. Tanto que os homens são recatados, & prudentes como Ulysses, abstrahindose de ver, & ouvir os cantos, & caricias das Sereas do mundo, ellas se matão de dor, & pena, porque se acabão os seus gostos, & interesses.

## CAPITULO V.

## Da contração espiritual.

A Contração da alma com Deos, pela via contemplativa, he huma união tão intima, huma adherencia tão apertada, como diz o extatico Psalmista: *Adhaesit anima mea post te*: q̄ se pôde chamar identidade; o mesmo contemplativo o affirma: *Simul in unum dives, & pauper*: o pobre, & o rico fazem hum: David, que he o pobre, *Pauper sum ego*, unido com Deos por amor, & graça; com Deos que he o rico na misericordia, fazem hum, & não dous, *Simul in unum*. Já que tomamos da Logica os termos da abstração, & contração, filosofemos na contração da natureza com os in-

Psal.

62.

vers. 9.

Psal.

48.

vers. 3.



os individuos, a da alma com Deos: a cõtração da natureza humana com a differença individuante de Pedro, não he união física, senão metafísica; he identidade; porque a natureza humana contrahida com a petreidade, faz hum só Pedro, hum só individuo: tal he, do modo que pòde ser, & se pòde dizer, a contração espiritual de Deos com a alma, sendo dous os contrahentes, tão diversos, quanto vay de Deos à creatura, se unem por amor, & graça com tanto aperto, que se identificaõ, & fazem hum, sendo dous: *Simul in unum dives, & pauper.*

Sobre esta maravilhosa contração exclama o devotissimo Thomas de Chempis: *O quàm pius, quàm dulcis es diligentibus te! quàm beneplacens gustantibus te!* Ah Senhor, que pio, &

doce fois para os que gostãõ de vòs,  
das doçuras do voffo amor, & gra-  
ça! para os que pela contemplaçãõ  
dos vossos attributos, & perfeições,  
se transformaõ, se absorvem de tal  
forte, que se identificaõ com a vossa  
divina Magestade! E qual he o fru-  
to, o effeito da contraçãõ taõ real,  
& divina? He huma doçura, que ex-  
cede a toda a doçura, & adoça ato-  
da a amargura: *Vincit enim tua dulcedo  
omnem dulcedinem, & dulcorat omnem a-  
maritudinem.* E que mais pòde defejar  
huma alma peregrina, huma alma  
desterrada, huma alma preza, per-  
seguida, & molestada, por todas as  
vias, de muitos, & poderosos ini-  
migos, que lograr huma doçura, que  
vence a toda a doçura, todos os gos-  
tos, delicias, & glorias deste mun-  
do? que ter huma doçura, que adoce,



& suavize todas as amarguras, tristezas, enfados, adversidades, dores, & calamidades deste miseravel mundo? & o certo he que isto melhor se sente, do que se diz, porque nem quem o experimenta, o pode explicar: *Quæ melius sentitur, quam dicitur.* O sobredito Author, tão douto, como experimentado nesta materia.

Mas como nesta vida não pôde aver felicidade firme, & segura; a contração, donde procede a doçura ineffavel, tem de quando em quando sua sustração. Não ouve Santo, por mais allumiado, & regalado de Deos, que não experimentasse a alternativa do contrahir, & sustrair: o mesmo espirito tão unido, & pegado a Deos, *Adhæsit anima mea post te*, confessa a diminuição do seu fer-

*Chempis de imit. lib. 9. cap. 9. Qui non habuerit interdum gratia sustrationem.*

*Psalms.*  
118.

*vers. 28.*

*Psalms.*  
62.

*vers. 3.*

*Psalm.*  
118.

*vers. 14.*

*vers. 28.*

*vers. 14.*

*vers. 28.*

*vers. 14.*

*vers. 28.*

*vers. 14.*

*vers. 28.*

*vers. 14.*

*vers. 28.*

vor, o tedio, fastio, desconfortação,  
*Dormitavit anima mea pro tædio.* Para  
 se chegar ao Canaveal, onde pela  
 metáfora da cana de açúcar se acha a  
 doçura da contração, he necessario  
 passar por areas, desertos, secos,  
 esteriles, & sem caminho, nem ras-  
 to, *In terra deserta, in via, & in aquosa, sic*  
*in d' ancto apparui tibi;* mas nestes des-  
 emparos, desfalecimentos, triste-  
 zas, securas se prova a virtude, con-  
 stancia, paciencia da alma, & se faz  
 merecimento para os gostos, deli-  
 cias, & doçuras solidas, & verda-  
 deiras; sempre agradecendo, sem-  
 pre humilhando se nas bonanças, &  
 nas tempestades; com a esperança  
 de cintinela, achará o contemplati-  
 vo o *Vado, & venio ad vos,* que vay  
 para vir, que se suspende, & subtra-  
 he, para dar que merecer à repetida

con-



contração, & nesta advertência he que está o verdadeiro alivio de tristes, & consolação de queixosos.

Ainda a cana mystica tem que dar aos amigos de Deos, aos que gostão do seu amor. S. Bernardo, amante tão derretido de Jesus, diz que até na lembrança do santissimo nome de Jesus acha mel, & assucar, *Jesus mel in ore, Jesu dulcis memoria*; & como não ha de ser doce o que por nosso amor, como cana de assucar, foi moído no lagar ou engenho da Cruz, *Torcuntur calcavi solus* & porque não ha de ser amado sobre toda a docura hum amigo, que dando a vida por nos salvar, sopportou os tormentos com tanto gosto, & amor, que deu occasião à Igreja reputar por doce a Cruz, por doces os cravos, por doce o Crucificado, *Dulce lignum, dulces*

*Isai.*  
*cap. 63.*  
*vers. 3.*

zlavos, dulcia ferens pondera. *Morrendo*  
 do o Senhor de engenho na Cruz  
 por amigos, & inimigos, ficou por  
 herdeira das doces penas sua Mãy  
 santissima: *Stabat juxta crucem Jesu*  
*Joan. cap. 17. vers. 25. mater ejus:* se o filho pelo nome de Je-  
 sus he doce, a Mãy pelo nome de  
 Maria tambem he doce, *O dulcis vir-*  
*go Maria;* he taõ doce, & util para  
 o que com devaçãõ diz o nome de  
 Maria, que todas as vezes que se diz  
 Ave Maria, alegrase o Ceo, pasma  
 a terra, Satanás foge, o inferno tre-  
 me, murchase a carne, desprezase o  
 mundo, retiraõ-se as tentações, fo-  
 ge a tristeza, por serem taõ suaves,  
 amorosos, & uteis os doceissimos  
 nomes de Jesus, & Maria, diz o  
 nosso Chempis, & eu com elle o to-  
 mára sempre dizer, *Semper autem in*  
*corde Jesu versetur, & Maria.*

Tam-



Tambem pertence á parabola da cana de assucar aquelle suavissimo paõ, que a Igreja chama doçura. Se o Sacramento do altar por ter especies de paõ, se chama paõ, chama se tambem paõ de assucar pela doçura que tem, *dulcedinem tuam*. Mandava Deos no Exodo que lhe puzessem no altar os pães da proposição: *Pone super mensam panes propositionis*. O Hebreo treslada, *panes facierum*: se os pães da proposição, figuras do Sacramento, são pães de caras, ou caras de paõ pelo que tem de paõ, porque senão chamarão pães, ou caras de assucar pela doçura que tem, & experimentão os que devotamente cõungão: *Qui ut dulcedinem tuam in filios demonstrares, pane suavissimo?* A cana, & os pães de assucar, puxão agora pelo engenho, em que a Rainha das frutas

O quam  
suavis  
es domi-  
ne Spi-  
ritus  
tuus,  
&c.

Exod.  
cap. 25.  
vers. 30

Gen.  
cap. 35.  
vers. 18.

tas morre de parto como a fermosa Rachel; na moenda tem as dores, nas caldeiras pare o assucar, a que bem pôde chamar filho de dor, *Benoni*, *idest*, *filius doloris*; & o Brasil, que he o Jacob, chamelhe o seu Benjamin, *Pater* *verò* *appellavit* *eum* *Benjamin*. Com o Sermaõ do engenho, parabola do Juizo universal, celebraremos as exequias da senhora Rainha D. Cana, que Deos guarde, para morrer como Rachel, & renascer como Feniz.



Veni-



*Venite, & descendite, quia plenum est  
torcular.*

Joel. cap. 3.

**V**INDE, descei, porque o la-  
gar, o engenho está cheyo,  
diz Deos pelo Profeta Joel.  
Que engenho he este? He o engenho  
da varge de Josaphat, que ha de  
moer no dia do Juizo. *Venite, & de-  
scendite mecum ad iudicium*, commenta  
a Glossa. E quem será o Senhor desse  
engenho? Será aquelle Senhor, a  
quem o Padre Eterno tem dado a  
commissão de nos julgar, *Pater,*  
*sed omne iudicium dedit Filio.* Moerá o  
engenho do Juizo doçuras, & erit

*Glossa.*

*Joan.*

*cap. 5.*

*vers. 22.*

K

in

Joel  
cap. 3.  
vers. 18.

*in die illa, stillabunt montes dulcedinem.*

O mesmo Profeta. Frutos doces, docuras estilladas em lagar, & engenho, que semelhança melhor podem ter, senão de canas de assucar? bem se pôde logo dizer, que hum engenho do Brasil, he parabolado do Juizo universal.

Se Christo Senhor nosso puzera os pés nesta America, & pregara nella pelo estylo das parabolado, que costumava, parece que dos engenhos do Brasil avia de tirar a parabolado do Juizo; na messe das canas avia de fundar o Sermaõ, como fez na messe do trigo da Palestina, *Mes-*

Matth.  
cap. 13.  
vers. 3.

*sis verò consummatio sæculi est;* porque se o Profeta Joel diz que o Juizo universal ha de ser como engenho, *Descendite mecum ad iudicium, plenum est torcular;* quem nos tira dizer, que

a sa-



a sabedoria encarnada, se cã viera,  
& pregãra, pelas traças que estilla-  
va, que na terra dos engenhos avia  
de armãr a inventiva do engenho no  
Sermaõ do Juizo?

O dia do Juizo chama-se nas Ef-  
crituras dia do Senhor, *Fuxta est dies*  
*Domini*, porque he dia do Senhor de  
engenho, dia de moenda, dia de  
justiça, dia de ira, *Dies illa, dies iræ*;  
os mais dias, sendo todos do Se-  
nhor, são particularmente da Senho-  
ra; sendo todos do Senhor doce, &  
recto, justo, & misericordioso, *Dul-* *Pfalm.*  
*eis, & rectus Dominus*; são com espe- *24.*  
cial privilegio dias da Senhora, por- *vers. 8.*  
que são dias da graça, dias da mise-  
ricordia communicada pela sua po-  
derosissima intercessãõ, *Mãria ma-*  
*ter gratiæ, mater misericordiæ*: para  
que nos succeda bem no dia da justi-

ça, recorramos nos dias da graça à Mãe de misericórdia, & nesta hora lhe peçamos nos ajude com o seu costumado favor a discursar sobre o Juizo universal, com a parabola do engenho.

*Ave Maria*

*Plenum est torcular.*

*Gen.  
cap. 1.  
vers. 26.*

**F**Ez Deos o homem à sua imagem, & semelhança, & como ja sabia, que o avia de remir, & julgar, fabricou-o como imagem, & semelhança de hum engenho; fez o corpo de barro, como casco da officina, casa de engenho, & na alma lhe infundio tres potencias, como tres palitos, & eixos da moenda, para nelles moer os pensamentos, palavras, & obras do homem que cre-



creou, & remio para o julgar, & moer nelle as duas tarefas da conta que se nos ha de pedir taõ apertada, como se vè na moenda de hum engenho; a conta dos peccados que cõmettemos, & dos beneficios que recebemos.

Estando ElRey Balthezar em hum conyite com os Magnates da sua corte, foi vista huma mão como de homem escrever na parede do salaõ, fronteira à mesa, a sentença contra ElRey Balthezar. A mão como de homem, *quasi manus hominis scri-*  
*bentis*, significava o Juiz Deos, & homem, que hade julgar vivos, & mortos: os tres dedos que escreviaõ, figuravão os tres eixos da moenda do juizo, em que se haõ de moer os peccados; & a escritura de fronte do candieiro, *contra candelabrum*,

*Dan.*  
*cap. 5.*  
*vers. 5.*

*vers. 3.*

Jacob.  
cap. 1.  
vers. 17.

significava os beneficios da natureza, & da fortuna, que aquelle Rey tinha recebido de Deos como pay dos lumes, *descendens à Patre luminum.* O que está escrito nos livros de Deos, diz S. Paulo que he para doutrina nossa, para nos advertir o que nos convem saber para a salvação das nossas almas. No juizo que Deos fez de Balthezar, pelas circunstancias da escritura da sentença se nos adverte, que a conta, que se ha de pedir, não he só de peccados, mas de beneficios, & por isso se mostrou a S. João Evangelista o Juizo de Deos em livros, *Et libri aperti sunt: são livros da razão, os livros do Juizo divino, de deve, & hade aver, de dividas, & recibos, de peccados, & beneficios: he conta do negocio, que Christo Senhor nosso encomen-*  
dou

Apoc.  
cap. 20.  
vers. 12.



dou para o dia do Juizo, *Negotiamini dum venio*; entã veremos, se ago-  
 ra o naõ vemos, os negociantes bem Luc. cap. 19. vers. 13.  
 apertados, & mohidos do senhor  
 de engenho, pelo livro da razaõ, pe-  
 lo negocio dos peccados, & benefi-  
 cios, *Negotiamini dum venio*.

Se o homem, que Deos creou, &  
 remio para o julgar de peccados, &  
 beneficios, he o lagar, o engenho,  
*Plenum est torcular*; & o Filho do ho-  
 mem, segunda pessoa da Trindade,  
 he o Senhor de engenho; quaes fe-  
 raõ os lavradores? Os Anjos, que  
 haõ de vir com o Senhor a julgar: *Et*  
*omnes Angeli cum eo*, diz S. Matheus; Matth. cap. 25. vers. 31.  
 porque os Anjos saõ os que plantaõ  
 nas almas que tem a seu cargo; plan-  
 taõ inspiraões do Ceo, colhem os  
 frutos das boas obras, moendo de  
 meyas, de terço, ou de quinto, con-  
 for-

forme os merecimentos, & virtudes dos seus encomendados. Os Anjos haõ de cortar cana, como diz o Profeta, do engenho do Juizo,

Joel  
cap. 3.  
vers. 18.

*Mittite falces, quoniam maturavit seges.* Os Anjos, diz o Senhor de engenho, haõ de escolher, & separar a cana do genero humano, dividindo os maõs dos bons: *Exibunt An-*

Math.  
cap. 13.  
vers. 49

*geli, & separabunt malos de medio justorum, & mittent eos in caminum ignis.*

Dous partidos de propriedade tem os Anjos obrigados à moenda do Juizo: o partido da cana nova, que faõ os moços; o partido da cana velha, que faõ os velhos: eia, vira, vira, mete cana: comecemos pela cana velha, que tem muito que moer pela doutrina de S. Agostinho: *Qui maior est ætate, maior est iniquitate: maior idade, maior maldade; & o*

Aug.

peyor



peyor he, diz o Seneca, que os velhos querem ter a authoridade dos velhos, & as verduras dos moços; são como as canas velhas, que metem de novo com a invernada, & o seu rendimento que he: mayor condemnação, & mais afrontosa sentença no Juizo de Deos.

Seneca.  
Et hoc  
peius  
est quod  
habe-  
mus,  
authori-  
tatem  
senio-  
rum  
& vitia  
puero-  
rum.

Chamou Deos a Juizo os velhos que tentaraõ, & infamaraõ a Suzana, & nesse acto, que foi hum dia do Juizo, succedeo hum raro prodigio: o Profeta Daniel diz que Daniel minino foi o Juiz dos velhos Suzanarios, sentenciou a cada hum delles, dizendo: *Inveterate dierum malorum*: Envelhecido em mãos dias, se tu fizeste o delito de que falsamente accusas a innocente, & que tem a idade com a culpa, a velhice com o caso, para da mayor idade se

Dan.  
cap. 13c

Dan.  
cap. 13.  
vers. 52.

L

for-

formar a mayor culpa? A idade não he culpa, mas a culpa na mayor idade he mayor crime, & pela circumstancia da mayor idade foraõ condemnados, & afrontados os velhos: *Inveterate dierum malorum.* Atento velhices inveteradas na maldade, que mayor idade, mayor conta, mayor moedura, mayor condemnação.

Entre agora a esquipação da cano-  
nova: cuidarão agora os moços, que  
na menor idade averà menos que  
moer, menos que condenar: ouvi a  
hum experimentado em toda a ida-  
de. *Junior fui, etenim senui:* Fui mo-  
ço, diz David, agora sou velho, mas  
temo tanto os peccados da mocida-  
de, que vos peço Senhor, vos não  
lembreis delles: *Delicta juventutis  
meæ, & ignorantias meas ne memin-  
eris.*

Psal.

36.

vers. 25

Psal.

24.

vers. 7.

Esta petição ao que parece não está

em



em forma: se os peccados de David moço são delictos tão graves, que mais se teme delles, que dos da velhice, como lhe chama ignorancias? A ignorancia he capa da culpa, ou alforria do peccado, onde ha ignorancia, não ha peccado: como logo quer David que Deos lhe perdoe os delitos da mocidade como ignorancias, *Delicta, ignorantias*? Nem todas as ignorancias livraõ de peccado, porque as ignorancias affectadas, são maliciosas; por mais que o mundo chame aos peccados da mocidade, ignorancias, verduras, leviandades, não deixão de ser delitos muito arriscados para a salvação. A razão he; porq̃ os peccados dos moços são mal conhecidos, mal arrependidos, mal confessados, & emendados, & ainda que David pelo di-

zer do mundo lhe chame ignorancias, pelo escrupulo, & temor do Juizo os confessa por delitos graves, & perigosos para a salvação: *Delicta juventutis meae.*

Marchava o exercito de David contra o de Absalão, passouse ordem aos cabos, que senão mataste Absalão: *Servate mihi puerum Absalon.* Se Absalão merecia que lhe tirassem mil vidas, se tantas tivera, por intentar com hum exercito de rebellados tirar a vida, & a coroa da cabeça a seu pay; porque senão ha de tirar a vida a hum filho tão desalmado? porque não ha de pagar o que tem feito? Ora vejão o que he David, vejão o coração de hum homem dignamente copiado pelo coração de Deos, *juxta cor meum.* Tinha Absalão cometido atrozes delitos, & era moço,



& como na opinião de David os peccados da mocidade são mais para temer, que os da velhice; temeo o piedoso, & amoroso pay, que morrendo Absalão moço se condenasse, temeo que Absalão na flor da idade metido na moenda como pampano soberbo, ambicioso lhe rendesse a eterna condenação: pois não morra Absalão moço, dizia o bom pay, não se corte em cana nova, guardese para cana velha: *Servate mibi puerum Absalon.*

Nestes partidos da cana nova, & velha tambem ha cocas, & coqueiras, canas com filhos: os que tem casafas, familias, & governos, preparem se, que hão de passar duas vezes pela moenda, hão de ser como são as canas mohidas, & remohidas; por que hão de dar conta não só das suas

ob L iij almas,

almas, mas de todas as almas, que estão debaixo do seu governo, & jurisdicção temporal, & espiritual: queira Deos q̄ se lembrem as tiaras, as coroas, os capellos, as mitras, os magistrados, as becas, os bastões, as varas, que se lembrem que hão de ser bem espremidos, & repassados na moenda do engenho do Juizo, que hão de ter dobrada moedura, pelos dobrados peccados que se podem commeter nos governos, & justiças.

*Duplicate ei duplicia*: Dobrai a moenda a Babylonia, dobrailhe o juizo, diz hum texto da Apocalypse; porque não só tem culpas da pessoa, peccados de commissão, *secundum opera ejus*, mas culpas do governo, do officio, peccados de omissão, se deu Regina. E que bem se lembrava desta conta o santo Rey David, quando

Apoc.  
cap. 18.  
vers. 6.

vers. 8.



do pedia a Deos com muitas lagrimas lhe perdoasse os peccados proprios, peccados pessoaes: *Ab occultis meis munda me,* & os peccados alheyos, por sua omiffão commetidos, & *ab alienis parce seruo tuo!* Se os que Deos mete nos governos, nas prelazias, & judicaturas, temem tanto, & chorão tanto, como David, a conta que hão de dar a Deos não só de si, mas dos seus, não só dos seus peccados, mas dos peccados dos seus; os que por sua propria vontade, & cruel cobiça de reynar se metem, & entremetem illicitamente nos governos para se incharem, & encherem, como não temem a moenda do Juizo divino? porque senão lembraõ, de que? daquella tremenda sentença do Espirito Santo: *Durissimum iudicium* Sapi. cap. 6. vers. 6. *ijs, qui praesunt, fiet, bem accommoda-*  
da

da para a moenda do Juizo, no *durissimum*. As canas, que não são cocas, nem coqueiras, os subditos, os vassallos que não tem almas de que dar conta, hão de achar bem dura, & apertada a moenda; porque no Juizo de Deos, em que não ha respeito, nem dependencias, não só se fia muito delgado, mas apertase muito com o fiado: mas as coqueiras, os governos, os pastores, os pays, & mãys de familias, hão de achar a moenda não só dura, & apertada, mas durissima, apertadissima, *Durissimum iudicium*.

Querem saber agora com que ha de moer o engenho do Juizo? não ha de moer com agua, nem com bestas, ha de moer com fogo; assim o diz o Profeta Daniel: *Fluvius igneus rapidus que egrediebatur à facie ejus, iudici-*

Dan.

cap. 7.

vers. 10.



*dicium fedit.* A primeira vez que moeo o Juizo divino, foi com a agua do diluvio; no fim do mundo ha de moer com fogo, que he elemento mais rigoroso que o d'agua. O assude do engenho do Juizo universal será de fogo, para que se saiba, que geralmente o rigor da divina justiça explicada pelo fogo, será mayor do que foi no principio do mundo; mas particularmente será de fogo, & não de agua o assude do engenho do Juizo, para castigar aos que moem com sangue nos seus engenhos; aos que moendo com agua, ou com bestas, mais moem com o sangue dos escravos, que com a agua dos assudes: a agua com que moem os engenhos dos senhores, que são tyrannos, & Turcos, ou mais que Turcos para os seus cativos, pode se dizer que he sangue. M De.

Deſejou David beber agua da cifterna de Bethlem , romperão os ſeus ſoldados pelos arrayaes dos inimigos , & trouxerão agua de Bethlem; vendoa David, diz o texto que a não quiz beber , dizendo que não avia de beber o ſangue de ſeus ſoldados:

Reg. 2.  
cap. 23.  
verſ. 17.

*Num ſanguinem iſtorum virorum bibam?*  
Que milagre foi aquelle d'agua em ſangue , para David dizer que não queria beber o ſangue humano na agua da cifterna ? Não foi milagre de converſão d'agua em ſangue , mas foi conſideração pia daquelle inſigne General , chamar a agua ſangue pelo trabalho , pelo perigo da vida com que aquelles bons ſoldados a trouxerão : *Quia in periculo animarum ſuarum attulerunt mihi.* Os engenhos em que trabalham os eſcravos famintos , deſpidos , & faltos de todo

o ali-



o alimento d'alma, & corpo, ainda que moão com agua, moem com o sangue que deshumanamente lhe tirão os senhores por tormentos, que mais parecem martyrios de tyrannos da Fe, do que castigos de senhores Catholicos: mas la está o Valle de Josaphat, o Valle do corte, *In valle concisionis*, onde se ha de armar o engenho do Juizo, ahi serão bem mohidos, & remohidos com fogo os senhores de engenho, que moem como tyrannos, mais com sangue, que com agua: *Fluvius igneus rapidus que.*

*Joel.  
cap. 3.  
vers. 2.  
Populi  
populi  
in valle  
conci-  
sionis.*

O Feitor Mòr do engenho do Juizo não póde ser outro mais accõmodado ao intento, do que nosso pay Adão; como foi o author, & reo do peccado, que he a origem do Juizo, será o Feitor do engenho, traba-

Isai.  
cap. 46.  
vers. 4.

lhe, & pague feitorizando o que fez com o seu peccado: o que Deos disse por elle, *Ego feci, & ego feram*, Eu o fiz, eu o pagarei, dira Adão pelos seus descendentes, pagará o que fez peccando, na feitoria do Juizo dos peccadores: & nossa mãy Eva, que foy a primeira causa das causas do dia do Juizo, será Feitora da moenda, & calcanha da casa das caldeiras; ja que foi a complice da primeira culpa, seja a meeira do trabalho do engenho; ja que convidou o marido a comer do pomo vedado, ajude-o a tragar o caroço da fruta, carregando o peso do trabalho, *Ego feci, ego feram.*

Entremos na casa das caldeiras. *Fervet opus, redolentque thymo fragrantia mella.* O mestre do assucar quem será? O Principe dos Principes da Igre-



Igreja de Deos S. Pedro , porque com a decoada da sua penitencia temperou o assucar da divina graça, aplacando a ira de Deos com as lagrimas de seus olhos, *Flevit amarè*: Matth. cap. 26. vers. 79 foi amargoso o pranto de Pedro, porque a decoada, sendo amargosa, por se fazer de cinza, & agua, tempera, alimpa a doçura do assucar: quem quizer assucar, trate da decoada, porque com a amargura da penitencia he que se alcança a doçura da divina graça. Porque achava David taõ doce o amor, a familiaridade, & tratò com Deos: *Quàm dulcia faucibus meis eloquia tua super mel ori meo?* Psalms. 118. vers. 103. Porque comia pão de cinza, & pão de lagrimas, tinha decoada, por isso tinha assucar. As lagrimas da penitencia, diz o Mellifluo Bernardo, são mais doces, & regaladas do que os

manjares reaes, *Dulciores sunt lacry-  
mæ pœnitentium delicijs Regum*: sendo  
amargosas as lagrimas pela materia,  
pela causa material, são doces pela  
formal, & objectiva, & por isso fan-  
tas, & doces: *O quàm sanctus dolor, &  
dulcis fletus!* Chempis no valle dos  
lirios.

Cap. 12.  
in valle  
lirio-  
rum.

Os mais officiaes do engenho são  
os Apostolos ja nomeados por De-  
sembargadores, & Assesores do  
Juizo, *Sedebitis & vos judicantes duo-  
decim tribus Israel*; estes Principes fe-  
rão os Banqueiros, Caldeireiros,  
Taxeiros, Purgadores. S. Matheus  
por deixar o telonio seguindo a  
Christo, será o seu Banqueiro. S. João  
Evangelista Taxeiro pela tina de a-  
zeite fervendo em que teve o seu  
martyrio. S. Thome pela increduli-  
dade de que se purgou apalpando as  
cha-

Matth.  
cap. 19.  
vers. 29.



chagas de Christo refuscitado, será o Purgador, & assim os mais terão seus officios conforme os seus talentos; porque se Christo Senhor nosso Filho de Deos, & da Virgem Maria, he o Senhor de engenho no Juizo universal, *Plenum est torcular: Omne iudicium dedit Filio*, os Apostolos porque não serão os officiaes do tal engenho? bem apremiados, & bem honrados ficarão com os officios do real, & divino engenho do dia do Juizo, *sedebitis & vos iudicantes.*

Debaixo da casa das caldeiras estão as fornalhas, que com os negros metedores de fogo parecem vivas pinturas do inferno: a mais da lenha, que se mete nas fornalhas, he da mata da preguiça: quem o diz?

O divino Missionario S. João Baptista, *Fuit homo missus à Deo: & que*

*Jonn.  
cap. 1.  
vers. 6.*

diz

Math.  
cap. 3.  
vers. 10.

diz sobre as lenhas do engenho? *Omnis arbor, quæ non facit fructum bonum, excidetur, & in ignem mittetur*: Toda a arvore, que não der bom fruto, será cortada, & lançada no fogo do inferno: isto he, toda a alma racional, que não der fruto de boas obras, será cortada com a fouce da morte, & lançada nas fornalhas infernaes. As preguiças do Brasil, os inuteis, remissos, tibios, preguiçosos, pusillanimes, que não fazem obra boa, & para o mal passão de espertos, serão cortados como medidas de lenha, para o engenho do Juizo divino, & lançados em hum fogo, que não tem medida, nem termo, *In ignem æternum*.

Da casa das caldeiras passemos à casa de purgar, que parece o purgatorio do assucar, porque estão nos  
andai-



andaimes postas as formas como almas do purgatorio, purgando as fezes do peccado, o mel, & remel dos deleites mundanos, atè que sahendo do purgatorio, & se poem no tendal aos rayos do Sol de justiça, onde limpas de cara, & cagucho, ficão caras capazes de verem a cara de Deos, como diz S. Paulo: *Tunc autem facie ad faciem*. Para isso está o Senhor S. Miguel pezando nas suas balanças as almas como pães de assucar. No dia do Juizo, que he o dia do pezo, & encaxamento, se verá que o assucar fino, são os mayores Santos da Igreja Catholica; o assucar redondo os timoratos; o assucar retumbado os convertidos; & o mascavado que preço terá? De certo mascavado sei eu, & se lhe chamar retame, não o afronto, que terá

1. Co-  
rint.  
cap. 13.  
vers. 12.

N

mayor

mayor preço do que muito assucar branco; & quem será? S. Benedito, gloria dos pretos, credito dos mascavados, maravilha dos retames, será tão estimado, & de tão subido preço o assucar de Benedito, que todas as caxas, que se embarcarem para o Reyno do Ceo naquelle dia, levarão na marca a Benedito, porque com o titulo de Beneditos entrará a salvamento no porto do Ceo a frota dos predestinados: *Venite benedicti Patris mei.*

*Math.*  
*cap. 25.*  
*vers. 34*

Estou vendo, que contra a parábola do engenho me pondes esta duvida. *Dies magna, & amara valde.* Se o dia do Juizo he tão grande como amargoso, que semelhança pôde ter hum dia de tanta amargura com hum engenho de assucar? Respondo: O Juizo universal ha de ter a mesma



condição do Juiz. *Dulcis, & rectus Dominus*: O Senhor do engenho do Juizo he doce, & recto, cantou o Psalmista; pois assim ha de ser a forma do Juizo, doce, & recto, gostoso, & amargoso; ha de ter mel, & fel, para ser perfeito, & cabal Juizo: grande dia, *Dies magna*, para os ditos, que lograrem o convite daquellas doces, & divinas palavras, *Venite benedicti*: grande dia, *Dies magna*, para os condenados, grande dia de amargura, *amara valde*, ouvindo aquella triste, & amargosa sentença, *Discedite à me maledicti in ignem æternum*: & como o engenho do Brasil he doce, & amargoso; doce pelo assucar, amargoso pelo trabalho com que se faz, bem se pòde admittir entre as parabolâs do dia do Juizo a parabola do engenho do Brasil; como

a das virgens, que tambem os paos da moenda se chamão virgens, *Simile est regnum caelorum decem virginibus.*

Acabemos com hum caso estu-  
pendo, em que o supremo Juiz, &  
Senhor nosso quiz mostrar huma se-  
melhança da parte amargosa que  
terá o dia do Juizo. Na Cidade de  
Mandeburg hum estudante, por  
nome Udon, sendo rude, & inha-  
bil para as letras, fazendo oração à  
Virgem nossa Senhora, alcançou  
habilidade, & engenho para ser tão  
douto, & benemerito, que chegou  
a ser Bispo; começou bem, acabou  
mal, profanando as clausuras das  
Esposas de Christo; foi arrebatado  
do sacrilego acto, em que estava  
com a Abadessa de hum Convento,  
posto em Juizo na sua Sè diante de  
Christo.

*Fulgo-  
zo  
Canisio.*



Christo, & dos Apostolos, foi condenado á morte temporal, & eterna: no marmore, em que foi degolado, se conserva ainda hoje o sangue derramado daquelle errado Pastor, & se mostra aos Bispos Succesores, quando tomaõ posse da mitra Ecclesiastico, nobreza, & povo, se hum Prelado com huma mitra na cabeça se condena, que será das murças, barretes, & capellos? Se dos roxetes se faz lenha para o fogo do inferno, que Juizo se fará dos trajos profanos, & modas de vestir tão impudicas, & escandalosas? Se Deos assim castiga a sua casa, & os Principes da sua Igreja, como não ha de castigar aos Principes, & potentados do mundo, que vivem como Atheistas, & Epicuros? Se as Magestades, as Prelazias, as Judicatu-

*Psalms.*  
74  
*vers. 3.*

ras hão de ser julgadas, & as virtudes examinadas, *Ego justitias judicabo*; que justiça fará Deus das injustiças, dos odios, das envejas, das cobichas, dos roubos, usuras, simonias, dos testemunhos, das murmurações, ociosidades, torpezas, lascivias publicas, em que arde, & não cessa de arder esta braza do Brasil?

*Populi, populi*, Povos, povos, exclama o Profeta que fez do Juizo de Deus engenho. Christãos, Christãos, se credes o que dizem os oráculos divinos sobre o Juizo universal; se credes que ha de acabar este mundo, & tomar se conta ao genero humano no Valle de Josaphat; se credes que o Senhor de engenho está para botar a moer muito cedo, *Fuxta est dies Domini*; se credes, que sendo mohidos não deres boa conta das

*Joel*  
*cap. 9.*



das vossas vidas, aveis de ir para as caldeiras, & fornalhas do inferno; como dilatais a emenda da vida para a hora do corte, que he a hora da morte? ou para o dia da conta, que he o dia do Juizo? Que juizo, que tenção tendes de esperar boa sentença dos autos de tão profanas, & escandalosas vidas? Tomai com tempo o conselho de hum bom letrado, & o exemplo de hum bom Senhor de engenho. El Rey David tinha no seu coração hum engenho moente, & corrente, *Cor contritum, & humiliatum.* David tinha dous engenhos d'agua nos seus olhos, que mohiaõ de noite, & de dia os seus peccados, *Fuerunt mihi lacrymæ meæ panes die ac nocte;* com os tres engenhos do coração, & dos olhos fez tão rica çafra, fez tanto assucar, como se verá

no

Psalm.

50.

Vers. 19

Psalm.

43.

vers. 4.

no dia do Juizo; entãõ se achará que fez bem de moer, antes de ser moído; de moer o coração com a dor dos peccados, & os olhos com lagrimas de arrependido, para achar em Deos o assucar da gloria, o premio da penitencia; como elle o tem ja profetizado: *Quàm magna multitudo dulcedinis tuæ Domine!*

*Psalms.*  
30.  
*vers. 20.*

Aqui tendes Catholicos neste Santo Crucifixo o Senhor de engenho, que ha de botar a moer no dia do Juizo, *Descendite mecum ad iudicium, quia plenum est torcular;* com os braços abertos vos chama, vos convida a moer de meyas a sua graça com a vossa cooperação: vinde, vinde peccadores, moer a vossa cana, a vossa vida neste sagrado molinote; vinde moer no engenho da misericordia, antes que vos moão no engenho.

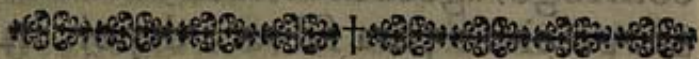


genho da justiça; vede que agora moe com sangue, depois ha de moer com fogo; agora moe com o seu sangue precioso para salvar, depois ha de moer com fogo para castigar; agora he Senhor de engenho de assucar, de engenho doce, *Dulce lignum, dulces clavos*, no dia do Juizo moerão fel, & amargura, *Dies magna, & amara valde*: moer antes de ser moído he o que vos diz este Senhor: moamos os corações com a contrição, os olhos com lagrimas, antes que nos moão as consciencias, & as almas na moenda do Juizo particular, & universal; moamos os peccados, emendemos as vidas, para que na vindoura çafra do dia do Juizo, achemos em arrobas eternas da gloria, *æternum gloriæ pondus*, o rendimento da contrição, o premio da

O

peni-

penitencia. Perdaõ meu Deos, misericordia meu Senhor, misericordia.



# PARABOLA

## TERCEIRA.

### CAPITULO I.

#### *Do estado Ecclesiastico.*

**A** Monarchia compoemse de tres estados, Ecclesiastico, nobreza, & povo: se o Monarcha das frutas do Brasil he o Ananás, a Rainha a Cana, seguese a fruta do estado Ecclesiastico, que he Coroa; a figura he de melaõ, o cheiro bom, & muy dilatado. Hum Eccle-



clesiastico, que melhor definição pôde ter, que a que lhe dá S. Paulo:

*Christi bonus odor sumus?* O estado Ec-  
clesiastico he o almiscar, a algalia, o  
ambar de Christo: os Sacerdotes pe-  
lo estado que professaõ, pelo exem-  
plo que devem dar ao mundo, de-  
vem cheirar a Christo de que são  
imagens, devem cheyrar a santida-  
des. No Rio Ganges dizem que ha  
pomos, com cujo cheiro se alimen-  
tão os seus moradores: com as vir-  
tudes dos Sacerdotes se alimentão os  
seculares, se edificão os povos: a boa  
opinião, a boa fama dos Ecclesiasti-  
cos, que assim interpreta S. Agosti-  
nho o *Christi bonus odor*: *Nam odor bo-*  
*nus fama bona est*: o bom conceito  
que se tem dos Sacerdotes, he a alma  
das almas, he o sustento, a vida, a  
consolação da Christandade, que

D.  
Paul.  
Cor. 2.  
cap. 2.  
vers. 15.

Aug.

como erva Gigante segue os passos,  
& bebe os semblantes da luz do  
mundo : *Vos estis lux mundi.*

Se as coroas Ecclesiasticas não  
são coroas frutas de bom cheiro : se  
o cheiro das virtudes se perverte , &  
succede o que diz a Escritura Sagra-

*Isai.*  
*cap. 3.*  
*vers. 2.4*

da , *Erit pro sua vi odore fiator* , toda a  
Republica andarã apéstada pelos  
mãos exemplos dos Sacerdotes : S.

*Gre.*  
*inregisf.*  
*170.*

Gregorio Papa he que o diz : *Causa*  
*ruinae populi Sacerdotes mali* ; & acho eu  
que a causa da causa da peste , & rui-  
na do povo , he não ser o estado Ec-  
clesiastico , como diz a cabeça da

*D. Petr.*  
*cap. 2.*  
*vers. 9.*

Igreja : *Vos autem genus electum , regale*  
*sacerdotium , gens sancta*. Os sagrados  
Canones bem dizem , & advertem  
os requisitos que hão de ter , os que  
se ouverem de ordenar : *genus electum* ;  
por ser tão grande a dignidade facer-

otmo

il. O

dotal,



dotal, regale *Sacerdotium*, & a obrigação da santidade tão alta, *gens sancta*; por falta destas partes, & prendas que deve ter o estado Ecclesiastico, diz S. João Chrysoftomo, que os Sacerdotes são muitos, & poucos: *Multi Sacerdotes, & pauci Sacerdotes*: quer dizer, que são muitos na multidão, poucos na capacidade; muitos no habito, poucos no merecimento; muitos ordenados, & poucos bem ordenados na vida, & nos costumes: *Multi Sacerdotes, & pauci Sacerdotes.*

Chryf.  
super  
Matth.  
homil.

29.

No estado Ecclesiastico ha Pastores, Parochos, & Curas d'almas; estes tem duas castas de frutas que imitar, Mamões, & Umbús: o Mamão he excellente fruta, tem a semelhança, & sabor de Melão, come-se a toda a hora sem fazer dano, com-

poem os humores, refrigera o figado: estas virtudes naturaes do Marmão moralizadas, são o zelo, a charidade, a diligencia, o amor de Deos, & do proximo, que devem ter os que tem almas a seu cargo. Os Umbús são como ameixas, comemse como Melancias; nos sertões onde não ha rios, nem fontes, he o refrigerio da sede: pelos desertos desta America he muito necessaria a virtude desta fruta nos Pastores, & Parochos, que tem obrigação de darem os alimentos, & refrigerios espirituaes às suas ovelhas, que padecem a fome do pão da doutrina, & sede dos Sacramentos da Igreja. De Jabuticabas livre Deos aos Pastores do rebanho de Christo; são como uvas ferraes, tem a raiz fóra da terra. A cobiça he a raiz de todos os males: *Radix enim*



omnium malorum est cupiditas; ainda mal,  
 porque o mundo diz, & clama, que <sup>1. ad</sup>  
 o interesse está na Igreja, & se he tão <sup>Timot.</sup>  
 pública, & notada a raiz da cobiça, <sup>cap. 6.</sup>  
 os Mamões, & Umbús são as frutas <sup>vers. 16</sup>  
 que servem para a obrigação dos Pa-  
 stores Ecclesiasticos, & não Jabuti-  
 cabas com as raizes de fóra represen-  
 tando os interesses demasiados, as  
 cobiças insaciaveis: *Radix enim om-  
 nium malorum est cupiditas.*

O estado Religioso, que tambem  
 se inclue no Ecclesiastico, tem a sua  
 fruta nos Cajús; como são duas fru-  
 tas, Castanha, & Cajù, unidas em  
 hum pomo, significão *o miste binos*, o  
 andarem de dous em dous, ou como  
 dizem, Frades a pares: assim como a  
 natureza para documêto nosso unio  
 no Cajù duas frutas diversas; assim  
 os Religiosos andarem de dous em  
 dous

dous mostram a união, a paz, & concordia que tem, ou devem ter entre si, ainda que tenham diversas naturas, nascimentos, creações, & vontades: a Ordem que diz? Amor, & charidade: ou a charidade que diz? Ordem. A alma tão santa, como religiosa, diz que o seu Esposo poz nella a charidade em ordem: *Ordinavit in me charitatem*: a Ordem he da charidade, & a charidade da Ordem: a Ordem, a Religião em que não ha charidade fraternal, amor, paz, & concordia, não he Ordem, he desordem, & desordem do inferno; porque o inferno he huma casa, hũ convento, hum collegio sem ordem, porque sem charidade, *Ubi nullus ordo*; & ser inferno por divisoens, & parcialidades o que se fez para Ceo por meyo da união, & conformida-  
de

*Cant.*  
*cap. 2.*  
*vers. 4.*



de das vontades, he o caso em que as chagas de J E S U Christo se devem interpor, & mediar para se unirem os que vivem em cōmunidades desunidos. Estando os Discipulos do Senhor em communiade recolhidos, & congregados no Cenaculo, *Ubi erant Discipuli congregati*, entrou Christo pręgando paz, *Pax vobis*, & tanto que fallou em paz, mostrou as chagas, *Ostendit ei manus, & latus*: paz com chagas a Discipulos congregados? Sim: como se dissera, ou como se rogara Christo pelas suas chagas àquella primitiva communiade de Religiosos, que tivessem paz, união, & charidade entre si; que não fizessem do Ceo inferno; que não dessem aos seculares escandalos, aos demonios: *Pax vobis: Ostendit ei manus, & latus...ubi erant Discipuli con-*

Joan.  
cap. 20.  
vers.

19.  
Joan.  
cap. 20.  
vers.  
20.

*gregati.* Para a paz, & união das Ordens não se pôde mais encarecer a necessidade da rogativa, que chegar o mesmo Christo a pedir pelas suas chagas que haja paz; & para se fazer o que o mesmo Christo pede, he necessario, diz o meu Doutor Chempis, que haja paz em particular, para a haver em commum: & para o Religioso ter a paz que se encomenda, & se pede pelas chagas de Christo, ha de observar quatro pontos: estudar em fazer mais a vontade alheia do que a sua propria; eleger antes ter menos, do que o ter mais; buscar sempre o lugar inferior; estar à obediencia; desejar, & orar, que nelle se faça inteiramente a vontade de Deos: tanto que os particulares observarem estes pontos, logo haverá paz, & união em toda a Ordem; lo-

*Chem-  
pis de  
Imit.  
lib. 3.  
cap. 23.*



go a Ordem será Ordem, & por consequencia Paraíso.

Ad estado Religioso em cômum, derão-se os Cajus, pela semelhança referida; daremos agora outras frutas em particular às Ordês, que vestirem das suas cores: para os que trazem a mortalha preta, servirão Mapurungas, & Cambois; para os de habito pardo Oiticoròs, & Piquiàs; para os de habito branco, & pardo, Genipapos, & Capucaias: Mapurungas são como pimentas de cheyro pretas: os Cambois são como uvas, hũs pretos, outros vermelhos: a cor preta he muyto propria do habito Religioso, porque se pela profissaõ se morre ao mundo, & se traz dõ no habito preto; não por dõ, & sentimento da morte, mas por gala,

Cant.  
cap. 1.  
vers. 5.

Luc.

cap. 23.  
vers. 45

Apo.

cap. 6.  
vers.

13.

Sol duas vezes se vestio de dō na morte de Christo, *Obscuratus est Sol;* & na morte do mundo, *Sol factus est niger*: na morte de Christo foy cortezia, foy fineza, & foy obrigação, botar dō na morte do seu Creador; na morte do mundo ha de botar dō, vestir-se de preto, porque elle tambem ha de morrer ao mundo morrendo o mundo, *Sol factus est niger*: são soes amortalhados, os que tem as mortalhas pretas, ou seja por morrerem ao mundo, ou pela morte, & Payxaõ de Christo, porque trazem dō, por sentimento, & compayxaõ, & por isso resplandece tanto nelles a compostura, a modestia, & outras muitas virtudes que lhes encomendão as suas Regras, & Institutos: *Levia enim, & jocosa verba, & frequens risus non congruunt sacrae Passioni Christi,*

Chypis  
vallis li.  
li. cap.  
12.



*& amarissimis vulneribus ejus.*

Os que vestem habito pardo, grosseiro, & aspero, tem Oiticoròs, & Piquias; as cascas destas frutas são da cor do habito Franciscano: a massa do Oiticorò he excellente: o Piquiã por dentro he como mel, por fora asperezas, por dentro regalos, *Fovis panno sa, intus est quod delectat*, dizia S. Bernardo de Santa Sofia: assim como a natureza veste de huma tosca, & vil casca a mais doce, & regalada fruta, & dentro de hum bruto, & duro casco cria a mais preciosa pedra, & com hum espinhoso, & agreste capelo cobre a Rainha das flores, debaixo dos bureis vis, asperos, & grosseiros se tem achado na Igreja Catholica os diamantes, & as rosas, com que se enriquecem, & ornão os seus altares: *Intuere Sanctorum vivida*

*exempla, in quibus vera perfectio reful-*  
*sit.* Vê (diz o nosso Doutor) os ex-  
 emplos vivos daquelles, que cuber-  
 tos de penitencia, abatidos, & mor-  
 tificados como foes entre nuvês par-  
 das resplandecem com os mais illus-  
 tres rayos da perfeição, por meyo da  
 mortificação exterior, & interior,  
 do cilicio perpetuo do habito; tive-  
 rão ainda nesta vida os mayores fa-  
 vores, & regalos da divina graça:  
*Foris pannosa, intus est quod delectat;* &  
 se pelas frutas da terra se explicão os  
 frutos das obras, *Ex fructibus eorum*  
*cognoscetis eos;* pelas frutas Oiticorò,  
 ou Piquiã, com as cascas pardas, af-  
 peras, & toscas, & por dentro gos-  
 tofas, & regaladas, se vê, & se co-  
 lhe como os que vestem habito par-  
 do, mortalha penitente, podem ter  
 por dentro os regalos, as delicias

que



que Deos costuma dar aos que sain  
nas vidas como parecem nos habi-  
tos; aos que vivem como vestem, &  
se conformão com a imagem do seu  
Fundador.

Para o habito branco, & pardo,  
estão guardados os Genipapos, &  
Capucaias, por terem de ambas as  
cores, as medullas brancas, as cascas  
pardas: o mixto destas duas cores  
tem grandes significações, & myf-  
terios. Não foy sem grande myfte-  
rio, no contrato que fez Jacob com  
o seu sogro Labão, tomar para si os  
cordeiros de varias cores, para que  
Rachel fosse pastora do gado bran-  
co, & pardo; para que Rachel fosse  
figura da divina pastora, que por ter  
por filhos huns cordeiros de varias  
cores, foy vista no Ceo com o titulo  
de Rainha vestida de cor varia: *Asi-*

*Genes.*  
*cap. 30.*  
*vers. 32.*

*tit*

*Pfal 44*  
*vers. 10*

*tit Regina in vestitu de aurato, circumdata varietate.* O habito de cor varia, branco, & pardo, he habito Real, *Astitit Regina*, habito glorioso pelo branco, & penitente pelo pardo: de branco foy a gala do Tabor, de branco a libré dos Anjos na Resurreição de Christo, de branco os trajos da gloria, na terra andão juntas as duas peças de branco, & pardo, porque pelo pardo, que significa a penitencia, se alcança o branco da gloria; bem era que habito de tantos mystérios, habito tão agradável a Deos, & aos homês, não escapasse à pintura da natureza nesta America; bem era, & bem foy que se debuxasse nas frutas, que pertencem ao estado Religioso; o muy santo, & religioso habito da cor branca, & parda, por ser o proprio da Rainha dos Anjos;

*Asti-*



*Astitit Regina in vestitu deaurato circumdata varietate.*

Huma fruta chamada Gargauba, do tamanho de huma cereija, amarela, o comer adocicado, mas trava muyto na boca; & que significará esta fruta no estado Ecclesiastico, tanto nos Frades, como nos Clerigos? Significa a desordem da affeição dos parentes: trava tanto aos Religiosos o amor carnal do parentesco, que os faz perder as almas; assim o escreve o Doutor Maximo S. Jeronymo:

*Quanti monachorum, dum patris, matrisque misereantur, suas animas perdidērunt.*

*Hier. in  
Reg.  
Monachorum.*

O mesmo diz S. Isidoro dos que se metem em negocios, & demandas de seus parentes: os Padres, & Santos que tratão desta materia, Basilio, Gregorio, Bernardo, vão fundados nos Evangelhos, onde Christo diz:

Q

Qui

Luc.  
cap. 14.  
vers.  
26.

Qui dimiserit patrem, qui non odit patrem, & matrem, dizem, que não pode ser Discipulo de Christo, não pode ser Religioso verdadeiro, o que ama os parentes desordenadamente, porque cahe em muitos barrancos, atoleiros, perigos de sua salvação, com pretextos de falsa piedade; & não são poucos, os que comem Garguubas: *Multi monachorum*; são muitos, ainda mal, os que deixão a quietação da cella, a conveniencia da clausura, o aproveitamento do espirito, o negocio da perfeção a que estão obrigados aspirar, pelas confusões, enredos, & labirintos do mundo, com o falso titulo de fazer bem a seus parentes, & amigos perdem as suas almas: *Pro suorum temporali salute suas animas perdiderunt.* S. Isidoro.

Isidor.  
lib. de  
summo  
bono.



## CAPITULO II.

*Do estado da Nobreza.*

**A** Ssim como a Philosophia reduzio a dez predicamentos todas as entidades, todas quantas cousas ha sustanciaes, & accidentaes, chamandolhes sustancia, quantidade, qualidade, relação, acção, payxão, ubi, sito, habito, duração; nas mesmas classes entrarão os predicamentos da nobreza, com as frutas que melhor lhes accommodar: no predicamento da sustancia entrão os que não tem mais sustancia que a sua fidalguia; a estes chama o mundo fidalgos pobres, & não os estima tanto como aos que tem mais sustancia que a fidalguia; mas como a nobre-

za he huma participação de Deos , a sua sustancia he mais do Ceo, que da terra, mais tem de Deos, que do mundo. Para que Saul buscasse ao Profeta Samuel no trabalho em que se via, lhe disse hū criado, que Samuel era hū homem de Deos, homem nobre:

1. Reg.  
cap. 9.  
vers. 6.

*Ecce vir Dei est in hac civitate, vir nobilis:* bastava que Samuel fosse homem de Deos, para o que delle queria Saul; mas homem nobre, que tem com o homem de Deos, *Vir Dei, vir nobilis?* Equivocase tanto a nobreza com a virtude, & santidade, que o mesmo he ser santo, que ser nobre: como a nobreza he participio de Deos, a sustancia, a essencia da nobreza he a virtude: cā neste novo mundo, dizem os que se prezão de fidalgos, que são os Condes, & Marquezes da sua terra, que se cā ouvessem



fem titulares, que elles aviaõ de fer; feião embora Condes, Marquezes, & Duques, mas feião como as frutas da sua terra: frutas de Conde faõ como pinhas, a sustancia, & miolo da fruta de Conde he rica massa, parece manjar branco: a sustancia da fruta de Conde mostra bem aos seus naturaes como ha de fer a nobreza para entrar no predicamento da sustancia, boa massa, boa consciencia, boa alma, *vir Dei*, que he a sustancia da verdadeira nobreza, *vir nobilis*.

No predicamento da quantidade entrão os que saõ fidalgos pelo que tem, & não pelo q̄ saõ; por haver no mundo fidalguia, que he quantidade, disse o outro: *Dineros son qualidad: & o Poeta: In pretio pretium nunc est, dat census honores.* Hum homem, diz S. Lucas, *Homo quidam*, sem ou-

*Luc.  
cap. 16.  
vers. 19*

Q iij

tro

tro nome, nem nacimiento mais que a riqueza, *Erat dives*, este filho das ervas sem patria, nem geraçã traja- vafe como Rey, *Induebatur purpura*, comia como Principe, *Epulabatur splendè*: este Rey, este Principe, este fidalgo em que predicamento da nobreza ha de entrar? No predicamento da quantidade, onde entra toda aquella nobreza taõ mal entendida, de quem mais tem, mais fidalgo he, & por ser tanta a quantidade destes nobres, em que predicamento haõ de entrar senaõ na quantidade? pois pela quantidade da fazenda julga o mundo como peitado o foro da nobreza: estes fidalgos por dinheiro de que fruta gostaõ mais? Da que nasce de huma arvore a mais rica, & poderosa desta terra. Os Coqueiros saõ os fidalgos do predicamento da quantidade,



dade, são muy altos, soberanos, estirados, & muito ricos, porque de tudo quanto tem se faz dinheiro: os cocos são bem conhecidos pelo prestimo, utilidade, & sabor, para tudo serve, para o doce que delle se faz, & para pucaro por onde se bebe: os ramos do Coqueiro também são ramos da nobreza pecuniaria, porque com elles se fazem casas, & se cobrê as casas, & a brusca para a quereña dos navios; até do cairo da casca se fazem cordas, & amarras; para fidalgos por dinheiro, & nobreza por quantidade são ricos, & bizarros os Coqueiros, porque por elles se explica bem a nobreza, que entra no predicamento da quantidade.

O terceyro predicamento he da qualidade, & he o nome que se costuma dar à fidalguia: não se póde negar,

*Marc.  
cap. 15.  
vers. 43*

gar, que ha muitos, que são muy qualificados; & qual he a melhor prova da qualidade? A obra. De Joseph de Arimathea diz São Marcos, que era nobre, *Nobilis decurio*, quando conta delle a generosidade, o dispendio, a fé, o valor com que tirou a Christo da Cruz, & lhe deu sepultura: estas são as boas qualidades, que se mostram nas obras, que se acreditão com as acções, & frutos generosos, debuxou-as a natureza em huma real fruta, que se chama Areticuapé, he como hũa pinha, a massa de dentro muito alva, & adocicada: a qualidade da nobreza mais esclarecida he a doçura das beneficencias, o prestar a Deos, & aos homês.

No predicamento da relação entrão as fidalguias por respeito, porque pelas valias, & respeito dos padrinhos



drinhos, & intercessores, se alcanção as fidalguias relativas, & não he necessario para esta casta de fidalguia geração nobre, nem sangue illustre, mais que haver quem chegue, & introduza o pertendente. Perguntou ElRey Saul a Abner, de que geração era David: *De qua stirpe descendit hic adolescens?* Juro a vossa Magestade que o não conheço. Pois fazey diligencia por saber de quem he filho este mancebo. Abner não fez mais diligencia sobre a geração de David, que introduzilo diante de Saul com a cabeça do Gigante nas mãos: *Introduxit eum coram Saule*: tal foy a introdução, a valia, o respeito de Abner, que o pastorzinho alcançou tal foro de fidalgo, que chegou a ser genro do mesmo Rey: as introduções, os respeytos, (que isso são relações) os

1. Reg.  
cap. 17.  
vers. 55

respeitos dos Abneres he que fazem os Davis fidalgos, & Principes: esta introdução não foi mera relação, não foi só o respeito de Abner, foy o merecimento de David. Porque foy introduzido com a cabeça do Gigante nas mãos, cõ os serviços à vista: *Introduxit coram Saule caput Philisthæi habentem in manu.* Quãdo os Abneres introduzẽ os Davis enfeitados, ou confeitados, então he q̃ resultão as meras relações. Dã o Brasil hũas frutas, que chamão Macujés, como forvas de Portugal, muy doces, & pegajosas; & as doçuras saõ muy faceis de forver, & dellas resultão os respeitos, as valias, introduções para as fidalguias de relação, que he o predicamento da nobreza introduzida por respeytos.

O predicamento da acção he o que melhor condiz com a nobreza, por

1. Reg.  
cap. 17.  
vers. 58

ser



fer opinião muito provavel, & judi-  
 ciosa, que cada hum he o que obra:  
 o que obra bem, he o nobre; o que  
 mal, o vil, & baixo; donde se segue  
 que a nobreza herdada, como disse  
 o discreto Ulysses, não he propria,  
 he alhea: *Nam genus, & proavos, &*  
*quæ non fecimus ipsi, vix ea nostra voco:* a  
 melhor nobreza, a fonte de toda a  
 nobreza como he? He por si, não he  
 por outrem. *Ego sum, qui sum:* Eu sou  
 o que sou, disse Deos a Moylés; por  
 isso os Philosophos, & Theologos  
 chamão a Deos ente *à se*, & a creatu-  
 ra ente *ab alio*: aquella divina essen-  
 cia, de que participa a nobreza hu-  
 mana, he o que he, obra como quem  
 he, sem dependencia de outrem, por  
 isso he o ente mais perfeito, & nobre-  
 za suprema: os que por si, & por suas  
 acções não são nobres, & só se jactão

*Exod.*  
*cap. 3.*  
*vers. 14*

da nobreza dos seus progenitores, pouca, & escaça nobreza he esta, *Vix ea nostra voco*, pois depende dos merecimentos alheyos, do que os outros para serem nobres fizeram. Hũa das mais nobres frutas desta America he a Mangaba, de que se faz rica conserva, bem estimada ainda fóra da sua patria; porèm saibase, que sem *o fieri, & conservari* do assucar, he real fruta: outras frutas menos nobres dependerão da conserva para serem; mas a Mangaba por si sem outra confeyção nem dependencia he fruta, que pòde entrar com a melhor nobreza no predicamento da acção.

Se ha fidalguia apayxonada, entrará no predicamento da payxão: para os apayxonados da fidalguia tenho hũa fruta por nome Jaracatheá, a cor, & sabor de Mamão, tem hum  
leite



leite, que untandose as mãos com elle ficão tão rubicundas, que parece estão vertendo fangue: fidalgos de fangue apayxonado, sanguinolentos, matadores, vingativos, não são de bom fangue, não sam de fangue puro, & limpo, quando a colera está defenfreada, o fangue não está muito puro. Matou Caim a seu irmão Abel, (vede como começou o mūdo; que muito he seja hoje peyordo que foi?) em quanto o fangue correo do corpo de Abel, não pedio vingança, tanto que se misturou cō a terra, então he que levantou a voz, & pedio a Deos justiça: *Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra.* O fangue de Abel era o mais illustre que então avia no mundo; não era filho do primeyro homem monarcha do mundo? pois esse fangue tão eleva-

*Genes.  
cap. 4.  
vers. 10*

do, & soberano, tanto que se mistu-  
rou com a terra vil, & bayxa, logo  
fôy apayxonado, vingativo; sangues  
de mistura, & mistura da terra, não  
he sangue puro, & limpo, entrará  
quando muito no predicamento da  
nobreza apayxonada esse vingativo  
sangue: *Vox sanguinis fratris tui clamat  
ad me de terra.*

Tambem ha fidalgos de ubi, que  
tem a sua fidalguia no onde, sem lē-  
brança do donde; bem se poderão  
cotejar, & comparar os ondes, com  
os dondes, para modestia, & lastro  
da fortuna: *Ego tuli te de pascuis sequen-  
tem greges, ut esses dux super populum  
meum*: Lembrate David, lhe disse  
Deos, que te tirei dos pastores, & te  
fiz capitaõ do meu povo: não só diz  
dónde o tirou, mas onde o poz; para  
que cotejando o donde com o onde,  
fosse

2. Reg.  
cap. 7.  
vers. 8.



fosse agradecido, modesto, & humilde. Grandes ubis tem dado o Brasil a muitos esquecidos dos dondes, & desvanecidos com os ondes, & o peyor he que ainda averá quem se não contente com o muito, que tem à vista, do pouco ou nada que tinha. Dizey agora que isto he fatyra; que pica a algum particular, sendo huma doutrina geral, & indifferente para todo o genero humano: eu não faço fatyras, escrevo, & prégio verdades, & doutrinas muito lizas, & commuas: os malevolos, & maldizentes são os que fatyrizão, picão aquem lhes escreve, & prèga a verdade, picando-se picão, & se dão por picados, imitando nesta sua malevolencia aos Judeos, que tecião a coroa de espinhos, *Plectentes coronam de spinis;* picavão-se tecendo os espinhos, para

pica-

*Matth.*  
*cap. 27.*  
*vers. 19*

picarem a cabeça de quem lhes pregava a verdade: *Si veritatem dico vobis.* Eu não me quero queyxoar, porque não faltará quem me vingue: *Mibi vindicta*, diz Deos. Digo que não falta quem se queixe dos ubis da terra, por ser nisso patria dos forasteiros, & madrastra dos naturaes; mas queixese de si, pois tem na sua terra hũa fruta chamada Mandacará, do tamanho de huma Camoeza, a casca encarnada, repartida em dados, cada dado he huma pinha de espinhos; a massa de dentro alva como neve, he muito doce, suave, & fresca para a calma; a casca de fóra encarnada: são as galas que dão os ubis aos forasteiros, as cabelleiras, chapeos de sol, serpentinas, servos, creados, tratamentos de fidalgos: os dados da pinha são os postos, os lugares, os officios;

*Hebr.*  
*cap. 10.*  
*vers. 30*



fícios; a doçura do miolo, que he  
boa para a calma, os faz tão desen-  
caldados, que pelos deleites, em que  
gastão os cabedaes, & os postos, per-  
dem o miolo, o juizo, & alma, por  
não cotejarem os ondes com os don-  
des.

Sobre terras, & sitios ha grandes  
contendas, em que se consomem os  
cabedaes, as vidas, & as almas por  
falta de lembrança do sito, ou do si-  
tio da sepultura, que não tem mais  
que sete pès de terra; para o predica-  
mento do sito temos huma galhar-  
da fruta Cajás, do tamanho de amei-  
xa, boa cor, bom cheiro, grande ca-  
roço: capazes são os fidalgos, que  
vestem, & dão de vestir da melhor  
feda, comem, vestem, & sustentão  
a muitos, & muitas, mas do alheyo,  
ou fiado para nunca pagarem; & o

caroço, que he o escrupulo, com fer tamanho, o engolem, até que vão parar nos cajazeiros, nos cemiterios, nos fitos onde estão os cajazes partidos: Aqui jaz fulano, ou fulana; & queira Deos, que seja só o cajás do corpo na sepultura, sem o là jaz da alma no inferno, por se fazer fidalgo de sito, senhor da terra do engenho, da fazenda que não era sua, porque sendo Cajás; ou comendo Cajás, viveo tão estragado, & cego dos vicios, como senão ouvera de ter morte, & sepultura; porque vestio, comeo, lardeou com o outro rico do Evangelho, tem, ou terá o seu jazigo, o seu là jaz no inferno, pelo cajás da sua vil, & feya fidalguia, *Sepultus est in inferno.*

Luc.  
cap. 16.  
vers. 23.

O habito tambem he predicamẽto da nobreza: se o habito de Chris-



to, que he o de q̄ mais ufaõ os Portu-  
 guezes, affenta fobre hum fojeito de  
 merecimentos proprios, ou herda-  
 dos, legitimamente he habito de no-  
 breza, he nobre insigne, pois traz a  
 insignia no peyto; mas se os calva-  
 rios, em que se poem taes cruces, não  
 tem outros serviços mais que fazer  
 calvarios; se os ceos, em que appare-  
 cem taes sinaes, & cometas, são cor-  
 ruptiveis, porque corromperão para  
 se darem, nem reducticiamente me-  
 recem taes habitos o predicamento  
 da nobreza: os que trazem taes ha-  
 bitos, se forão prudentes, se pejarão  
 de trazer sinaes nos peytos, sem se-  
 rem assinalados em merecimentos.  
 Dava El Rey Saul o seu vestido, & as  
 suas armas a David para ir pelejar cõ  
 o Gigante; não quiz David aceitar,  
 escusou se cortesmente, *Non possum*

1. Reg.  
 cap. 17.  
 vers. 39

sic

*sic incedere*; depois veyo David andar com o vestido, & armas do Principe Jonatas? Razão bem clara, & textual: David não aceitou o habito de Christo que lhe dava Saul; habito de Christo digo, porque a Saul chamou David muitas vezes, Christo, *Quia Christus Domini est*: não quiz David usar do vestido de Saul, do habito de Christo, porque ainda não tinha serviços, nem merecimentos, ainda não tinha ido à guerra a merecer o habito que lhe davaõ; aceitou depois o habito que lhe deo o Principe, porque ja tinha merecido, ja tinha degolado o Gigante, & alcançado huma prodigiosa victoria; & porque David não quiz trazer habito de Christo antes de o merecer, diz a Sagrada Escritura, que obrava como prudente: *Et prudenter se agebat*: mui-

1. Reg.  
24.  
vers. 11.

1. Reg.  
cap. 18.  
vers. 5.  
20110



tos não trazem hábitos podendo-os trazer; & são mais que prudentes, por verem que os hábitos, que devião entrar no predicamento da nobreza, andaõ taõ mal predicados, & estimados, como as cruces que estaõ nos cantos expostas aos defacatos do vulgo; mas nem por isso ficarão sem fruta, comaõ Pitangas, que são vermelhas, da cor do habito de Christo, são boas para o fastio: parece que tambem se pôde dizer que são tantos os hábitos, que enfastião a quem os vê, onde se não avião de ver.

O ultimo predicamento he a duração: na nobreza a duração, fidalgos por antiguidade, he o governo summo da fidalguia, nisso se canção os Nobiliarios, & livros das gerações; mas he contra o livro da geração de Christo, no qual Sam Mat-

Matth.  
cap. 1.  
ver. f. 1.

theus pôz a Abrahão mais antigo  
abaixo de David, *Liber generationis  
Jesu Christi Filij David, Filij Abra-  
ham.* Os Padres Chryfostomo, Eu-  
thymio, Theofilacto tambem se can-  
ção com a antigualha de Abraham  
na precedencia de David, *Filij Da-  
vid, Filij Abraham.* Nos livros de  
Deos, em que succede os ultimos se-  
rem os primeiros, & os primeiros os  
ultimos; nos livros das gerações di-  
vinas, em que mais se attende aos  
merecimentos, que ás antiguidades;  
em que mais valo ter mais obras, do  
que annos, David precede a Abra-  
hão, o moderno poemte affirma  
do mais antigo, *Filij David, Filij  
Abraham.* Os fidalgos do mundo,  
que seguem a opinião da duração da  
nobreza, & nesse predicamento que-  
rem ver a sua fidalguia, para ser gran-  
de,



de, & estirada, todos se parecem com os Carotazes, sam como os dedos das mãos; he o que costumão dizer os fidalgos para desprezo, & desigualdade da sua nobreza, que os dedos das mãos não são iguaes. Os Carotazes são amarellos, cheirosos, afidalgados, & tão fidalgos de nobreza tão antiga, & estirada, que se fazem parentes da casa real, descendentes do senhor Dom Ananás Rey dos pomos, porque tem o seu sabor, a sua estimação, a sua regalia, gentileza, agrado, & applauso, que tem as perinhas de cheyro de Portugal; & damos fim aos predicamentos do estado da nobreza com o estylo mais succinto, & laconico que pôde ser, & o tempo deu lugar: aos censuradores das parvidades quizera responder com os mapas, & quintas essencias;

eias; mas o que só se responde aos descontentes das summas, & compendios: que o Author como he o menor dos Menores, atè nos seus escritos professa menoridades, & se recolhe, & some nos diminutivos do conceito que de si tem, & nos fundos do nada que he.

### CAPITULO III.

#### *Do estado do Povo.*

O Ultimo estado da Monarchia das frutas he o Povo: do politico corpo de huma Monarchia os pès, como parte inferior, significão o povo; mas eu sey, que a esses pès chama Salamão principes, *Quàm pulchri sunt gressus tui in calceamentis filia principis!* porque na Monarchia da

*Can.*  
*cap. 7.*  
*vers. 1.*

CLASS

Igre-



Igreja, em que se faz mais caso das virtudes, que dos sangues, ha officiaes Principes, porque ha Santos em todos os officios, que pela santidade são Principes, como os pescadores de Tiberiades, que são os Principes da Igreja, diz David: *Constitues eos principes super omnem terram.* Começando pelo officio de carpinteyro por lembrança, & reverencia do Principe dos Reys da terra, *Princeps regum terræ*, Christo Senhor nosso, que depois de fabricar o mundo, se não desprezou de trabalhar em hum officio mechanico, & ser nomeado por filho de hum official, *Filius fabri*, todo o tempo, que esteve em Nazareth, se exercitava no officio de carpinteiro, ferrando, & acepilhando os madeiros com S. Joseph, que sendo official, era Principe, filho del-Rey

*Psal.**44.  
vers. 17**Apo.**cap. 1.  
vers. 5.*

*Math.*  
*cap. 1.*  
*vers. 20*

Rey David, *Joseph fili David*. Escolheo o Filho de Deos entre todos os officios o cortar, & lavrar madeyros, pela simpatia, que tinha com o lenho da Cruz em que havia de ser crucificado, & por esse mysterio daremos aos carpinteiros, & aos mais que trabalhão em madeiros, torneiros, marceneiros, ferradores, daremos, como aos mais officios que cã se usaõ, frutos, & frutas; frutos dos Santos, frutas da terra: os frutos dos Carpinteiros he o Santo dos Santos Christo Senhor nosso, S. Joseph, & S. Jacobo de Boemia; as frutas serão bananas, porque cortadas com huma faca mostraõ no mioloa effigie de hũ Crucifixo, para lembrança da simpatia de Christo com o lenho da Cruz no officio de carpinteiro.

Os Pedreiros tem a Sam Proculo

por



por fruto, & as Gaiabas por fruta; as Gaiabas são as maçãs do Brasil, dellas se fazem os materiaes para o edificio do corpo, porque se fazem tijolos, & ladrilhos, & gaiabada, que pode servir de cal, & area; mas tomára eu, & tomáraõ os Pedreyros, que fazem obras materiaes, & corporaes, que fazem casas, & templos, se lembráraõ daquella casa da eternidade, que se faz com as obras da vida, para a qual havemos de ir todos antes, ou depois do S. Joaõ: *Ibit homo in domum aeternitatis suae.*

*Eccles.  
cap. 12.  
vers. 5.*

Os antigos derão o officio de ferreiro a Plutão, deos do inferno, & deos das riquezas; mas do inferno, & das riquezas do mundo se soube bem livrar S. Duustano, que foy ferreiro; do ferro, & do aço tirou a fortaleza do coração contra as tentações

ções do inimigo ; da fornalha accesa  
lembranças do inferno ; & dos foles  
cheyos de vento , o que são lifonjas,  
& vaidades do mundo : como sam  
tantos os officios de ferro, latão, co-  
bre, estanho, chumbo, caldeirey-  
ros, farralheiros, latoeiros, cutiley-  
ros, espadeiros, havemos de darlhes  
humna fruta de varias castas, Araça-  
zes, Aracaacú, Merim Pedrado, Pe-  
rinhos, para que dos metaes, de que  
fazem varias obras, tirem o fazer  
aquellas obras solidas, & perdura-  
veis, que só aproveitaõ na outra vi-  
da: *Opera enim illorum sequuntur illos.*

*Apoc.  
cap. 14.  
vers. 13.*

Os ourives do ouro, & prata tem  
suas Ubaias, ou Pitombas amarellas  
da cor do ouro, já que forjaõ, mol-  
daõ, batem, & limão peças, & jo-  
yas, tratem de pedir a S. Eligio, que  
foy ourives, que lhes alcãce de Deos



o conhecimento, & estimaçam da  
 joya d'alma, que val mais que o mū-  
 do todo, pois peza o sangue, & a vi-  
 da de JESU Christo: S. Eligio com  
 o ouro nas mãos não foy atraz do  
 ouro, *Qui post aurum non abiit*, não o

*Ecclef.  
 cap. 31.  
 vers. 8.*

cegou a luz do ouro, para por inte-  
 resses da terra arriscarse a perder os  
 bês do Ceo. *motus superius est bonus*  
 Capateiros, corrieiros, felleiros,  
 livreiros, levarão a reçaõ de men-  
 duis: a fruta diz com a materia do of-  
 ficio: os menduis tem cor de cinza,  
 cor de penitencia; a materia destes  
 officios são pelles, & couros, de que  
 tambem se fazem os trajos da peni-  
 tencia. Os vestidos que Deos deo a  
 Adaõ, & Eva em penitencia do pec-  
 cado, forão de pelles, *Tunicas polliceas*.

*Gen.  
 cap. 3.  
 vers. 22.*

S. Crispim, que foy çapateiro, S.  
 Aquilas, que foy corrieiro, S. Gual-

fundo, que foy felleiro, S. João de Deos, que foy livreiro, das pelles, & dos couros, em que trabalháraõ, & tiráraõ os motivos para as penitencias que fizeram, para os trabalhos, & martyrios que padecêraõ.

Os lavradores, & hortelões plantem Morecis; são como uvas, mas azedas; para que se lembrem da pena, que pelo peccado se deu a Adão, *In sudore vultus tui*: Adão cava, Adão planta, Adão sua, porque peccou: são os frutos que se colhem dos peccados, fuores, & trabalhos para se sustentar a triste vida; mas consolêse os filhos da culpa, & trabalhos de Adão, que desses mesmos officios forão muitos Santos, São Isidoro lavrador, S. Mauricio hortelão.

Tambem os vaqueiros, carniceiros, pescadores, & marinheiros tem

fru-



frutas, & frutos. S. Arnaldo foy mar-  
rinheiro, S. Parthenio pescador, S.  
Alderico vaqueiro, S. Henrique car-  
niceiro: os que tem officios no mar,  
nas prayas acharão cardos como fi-  
gos roxos, por dentro alvos, caroci-  
nhos pretos, doces, & azedos, que  
bem mostrão a variedade da fortuna  
do mar, ora muito, ora nada, bom  
jantar, má cea: os que tratão de ga-  
dos, & açougues, para serem como  
forão os Santos do seu trato, que bẽ  
podem ser, se quizerem, contentem-  
se com Ubaias, que aos ourives ba-  
staõ as Pitombas. Ubaia tem a casca  
como avelã, a massa de dentro he co-  
mo casco de cebola, ao redor do ca-  
rocinho algum tanto azeda, mas go-  
stosa. A penitencia, que he o sal da  
carne humana, amarga sim, mas o  
effeito dessa salga, o fruto dessa mor-  
tifica-

ficacão he o eterno gozo da gloria.

Não se queixem os alfayates que ficão de fóra; que ainda que elles ás vezes faltão com as obras, que promettem, não lhes faltaremos com a fruta, que está guardada para elles, chama-se Oitituruba, he do tamanho de huma laranja, tem hum caroço de huma banda preto, no qual se vê hũa pessoa como em hum espelho: que melhor espelho para os alfayates, que São Homobono, que sendo do mesmo officio, foy tam bom homem, que foy Santo, & não o pudera ser, senão fizesse bem o seu officio, se encarregasse a consciencia, furtando, & retendo o alheyo, se fizesse modas de vestir profanissimas, & deshonestissimas, como alguns fazem, com tanto dano, & escandalo do mundo.

Por



Por reverencia de N. Padre Sam Francisco coroemos a mechanica com a mercancia, que he officio bem arriscado para a salvaçao, porque topa com a cobiça, que he a raiz, & causa de todos os males; porque joga com o laço do diabo, que são as riquezas, que se anhelão pela mercancia; tudo diz S. Paulo: por serem tantos os encargos, escrupulos do negocio, para Zacheo se salvar, restituiõ quatro vezes em dobro: os enganos da mercancia, & toda esta restituiçao dobrada, & multiplicada, *Reddo quadruplum*, não era para satisfazer dividas certas, & sabidas, se não duvidosas, se acaso as tivesse cõtornado, *Si aliquem defraudavi*. Oh quantos, & quantos officiaes da mercancia estão tão arreigados na cobiça, tão enlaçados, & enredados do

V

diabo

Luc.

cap. 19.

vers. 9.

diabo nas consciencias, não com di-  
vidas duvidosas, & casuaes, mas cer-  
tas, & sabidas, esperando, não fey  
que esperaõ, sem restitução, nem  
tenção de restituir, atè que venha a  
morte, & os livre da restitução ne-  
sta vida, mas não da eterna restitui-  
ção que se faz no inferno. O Santo  
de mayor exemplo que tem este of-  
ficio, he o Serafico Padre São Fran-  
cisco; foi mercador, & filho de mer-  
cador, mas com a divina graça se li-  
vrou da raiz, & do laço, com tal des-  
apego do negocio, & divorcio das  
riquezas, que por antonomasia he o  
Patriarcha dos pobres, & a sua regra  
o mayor prodigio da pobreza. A fru-  
ta dos mercadores chama-se Joás, co-  
mo medronho, tem sua doçura com  
refaibo de amargura: & que mayor  
refaibo de amargura pòde ter a mer-  
cancia



cancia ambiciosa, & avarenta, que  
o que Christo Senhor nosso diz nos  
Evangelhos sobre os ricos avarentos,  
que difficultosamente se salvarão:  
*Dives difficile intrabit in Regnum  
Cælorum?* Math. cap. 19. vers. 23.

Ainda nos restaõ duas frutas, que  
por serem uteis, & medicinaes, as  
offerecemos aos Medicos, Cirurgiões,  
& Boticarios, Maracujás, & Perluxos.  
O licor, & as pevides do Maracujá  
he tão suave, & refrigerativo, que pôde  
servir de cordeal; os Perluxos não são  
importunos, & impertinentes, mas antes  
oportunos, & prestadios, são do tamanho  
de cereijas, da casca se faz excellente doce,  
a massa liquida com seu agro doce; he  
cordeal fino, & as pevides pedra bazar.  
Destas frutas com tantos prestimos, &  
virtudes podem apren-

der os que curão o corpo humano, as obrigações, & requisitos necessarios dos seus officios: dos Santos Cosme, & Damiaõ, prototypos da medicina, podem tomar o exemplo para seguirem o aforismo do Principe da medicina Hippocrates, o qual diz que o bom Medico ha de saber o passado, entender o presente, prever o futuro.

Chegamos a fallar da excellente fruta do Maracujá, que se não he a Rainha, he a Duqueza das frutas pela flor, com que a natureza a ennobreço, & singularizou sobre todas as frutas, & flores da terra; pintou o Creador ao vivo nesta mysteriosa flor a lamentavel tragedia da sua Paixão, a columna, os azorragues, os cravos, as chagas, a coroa, o sangue, com tanta perfeição, & viveza, que  
por



por isso se chama a flor da Payxaõ, porque como flor espirou o Salvador do mundo no monte Calvario: *Flos Libani elanguit*; como flor morreo inclinando a cabeça, *Inclinato capite*, para que com a parabola da flor celebremos a payxaõ de Christo, & façamos memoria do mayor beneficio, que devemos a Deos, coroando a obra da Monarchia das frutas do Brasil com a flor que produz a mesma terra para gloria do Creador, lembrança, & agradecimento do Redemptor.

---

*Ego flos campi.*

Cant. 2.

**A** Cabada a cea caminha Christo com seus discipulos para o hor-

to de Getsemani, para o lugar onde vivem as flores, & florecem as plantas; vai a flor do campo imitar a condição das flores, que fóra da patria, em que nasceraõ, cahem de smayadas, murchaõ desfalecidas, *Cæpit contristari, & mæstus esse.* Nas flores do horto vio a mystica flor do campo as imagens dos seus martyrios, & os espelhos da sua Payxão; vio nas rofas a purpura de escarneo, & a coroa de espinhos; vio nos cravos os da sua Cruz, nas violetas os vergões dos açoutes, & na copa dos lirios o seu caliz; vio o mar de sua Payxão em flor bravo, & tormentoso, pelo que tinha de humano; começou a enfraquecer, murchar, & desmayar, *Caro verò infirma, cæpit contristari:* como flor do campo padeceo os mayores rigores, & inclemencias do Ceo

oran-

*Matth.*  
*cap. 26.*  
*vers. 18*

*Marc.*  
*cap. 14.*  
*vers. 39.*



orando tres vezes sem despacho; ficou orvalhado dos fuores de seu sangue, *Factus est sudor ejus sicut guttae sanguinis*; quizerão dizer os antigos, que do fangue da deosa da fermosura se gerara a purpura das rosas; & foy fabula; mas formar-se a Rosa de Jericò, do fangue da flor de Nazareth, he tão certo, como suar Christo fangue no horto de Getsemani; então se começou a cumprir o adagio, Paga o Justo pelo peccador; o innocente Jesus pelo peccador de Adão; mas em muy diversa, ainda que corrente moeda: porque o peccador pagou em suor de agua, *In sudore vultus tui*; & o Justo dos justos em suor de fangue, *Sicut guttae sanguinis*.

Luc.  
cap. 22.  
vers. 44

Gen.  
cap. 3.  
vers. 19

Chega Judas com soldados para prender a quem tinha vendido por trinta dinheiros; o vil, & nescio mercador

cador Judas, *Mercator pessimus*: mas assim havia de ser, como Christo era a verdade, *Ego sum via, veritas*, a verdade vendese por pouco preço, & a mentira a todo custo. Comprarão os Hebreos a Christo por trinta dinheiros, *triginta argenteos*, & as guardas do sepulchro sobornarão com grande soma de dinheiro, *Pecuniam copiosam dederunt militibus*: donde nasceo tanto dispendio para a guarda, & tanta limitação para a compra? Porque Christo era verdade, & os que disserão que Christo não era resuscitado, era mentira; para a verdade regatease muito, para se comprar a mentira, não se repare em preço.

Prendem os soldados a Christo, *Comprehenderunt Iesum*, & lá vay atada, & presa a nossa flor para ser desprezada, & escarnecida, sendo que

*Joh.*  
cap. 14.  
ver. f. 6.

*Matth.*  
cap. 26.  
vers. 15.

*Matth.*  
cap. 28.  
vers. 12.

*Act.*  
cap. 1.  
vers. 16.



as flores quando se atão, & prendem, he para ramalhetes, & prendas de estimação: entrão os soldados na Cidade com a flor presa, ou com a presa da flor; não ha muitos dias, que a corte de Jerufalem recebeo com palmas, ao que agora recebe com afrontas: ah roda do mundo, como fã varias, & falsas as tuas voltas, & revoltas! hontem muitos hofannas, vivas, & applausos, hoje, Morra, morra o traydor; hontem Rey, hoje réo; hontem cantavão triunfos com ramos, & palmas, hoje vos querem crucificar no tronco das palmas, ainda que se jais huma flor, ou por que o foy, não vos ha de durar muito a vida: *Ego flos campi.*

Cinco vezes foy levado o nosso JESUS aos tribunaes de Jerufalem, em todos elles a mayor afronta que

Joan.  
cap. 18.  
vers. 22.

recebeo o Filho de Deos dos homẽs, foy a bofetada, que lhe deu hum Beleguim, *Dedit alapam Jesu.* Onde estava o Ceo, & a terra, quando tal succedeo? para quando guarda o Ceo os seus rayos, & o centro da terra o inferno? ouve fogo, ouve uífos para castigo dos que eí carneceraõ a Elias, & a Elifeu: teve a terra boca para tragar, os que murmuraraõ de Moyfès: secouse a mão de Jeroboaõ, quando quiz dar huma bofetada em hum Profeta: & não ouve castigo para o que ferio a face do Senhor? Sem duvida que o Ceo, & a terra se acháraõ impossibilitados para o desfaggravo de tal afronta.

Matth.  
cap. 26.  
vers. 70

Em casa de Caifás negou Pedro a Christo, *At ille negavit.* Perguntou Christo a Pedro se o amava, tres vezes; como queria que ficasse em seu

lu-



lugar, fez delle flor do campo, nas perguntas do bem me queres, *Diligis me, diligis me, amas me*: Bem me queres, bem me queres, bem me queres. Na terceira pergunta entristeceu-se Pedro, porque lhe lembrãõ os tres malmequeres das tres negaçõs: *Contristatus est Petrus, quia dixit ei tertio, amas me: negavit tertio*. Foy Pedro tão bem afortunado nos seus malmequeres, nas suas negaçõs, que bastou hũa vista da mais vistosa flor do campo, para logo dar o fruto digno de penitencia; o pranto com que chorou as suas culpas, foi o orvalho, com que resuscitou o bem me quer de Pedro: *Respexit Dominus Petrum, fleuit amarè: tu scis quia amo te*.

Cessou a tormenta daquella noyte, os Pontifices remetẽrãõ o Senhor a Pilatos, Pilatos a Herodes, Herodes

des a Pilatos, de tribunal em tribunal, de Ministro em Ministro, de vara em vara andava a melhor flor, que nasceo da melhor vara, & da melhor terra: *Egredietur virga de radice Jesse, flos de radice ejus ascendet.* Herodes mādou vestir a Christo de branco julgando-o por louco: Pilatos vestio-o de purpura de escarneo, por se fazer Rey na terra, em que nasce a flor do Maracujá, a flor da Payxaõ: tambem nascem humas rosas, que para representarem as cores com que escarnecerão a Christo em sua Payxaõ, pela manhã são brancas, ao meyo dia vermelhas. Notavel terra, notavel clima he este Brasil; notaveis simpatias tem as flores, & frutas desta terra cõ a Payxaõ de Christo. O primeiro nome com que esta America foy bautizada dos seus descubridores, foy de



Santa Cruz; a páos lançou a ambição o nome da Santa Cruz, chamando-lhe Brasil, pelo pao Brasil; mais pelo interesse do lenho, que pela memoria da Cruz, se chama esta terra Brasil, & não Santa Cruz, como se chamava no principio, em que ainda não avia como hoje tanta cana, tanto fumo, & tanto pao Brasil, tanta cobiça, tanta frieza, & tanto peccado; oh como temo que com tantos sinaes da Sacratissima Payxaõ de Christo acaba este novo mundo com castigos, por se não aproveitar dos sinaes: o final certo de se acabar o mundo será apparecer no ar a Cruz de Christo: *Tunc apparebit signum Filij hominis:* tantos sinaes da Cruz, & da Payxaõ do Senhor, se estaõ vendo nas flores, & frutas desta fatal terra, que não será temeridade de juizo sospeitar, & re-  
 X iij cear

Matthi,  
 cap. 24  
 vers. 30

cear castigos, & mais castigos, passados, & futuros.

Concluíram-se os autos, deuse sentença contra a flor do campo, para ser a flor desta terra a flor da Payxão; puzerão a Christo huma Cruz ás costas: contemplaõ muitos Santos, que na rua da Amargura se encontrou o Senhor JESUS com sua Mãe, a flor do campo com o lirio dos valles: *Ego flos campi, & liliu[m] convallium*: depois que os corações se cõmunicarão pelos interpretes dos olhos, & o sentimento levantou o interdito à lingua, rompeo a sentidissima Senhora: Filho das minhas entranhas, luz dos meus olhos, quem vos chegou a este estado, sendo vòs a flor do câpo vinda do Ceo? que batalha de flores foi esta, verde, & cruel batalha, da qual sahindo tão mal ferido, vos não retirais,

*Cant.  
cap. 2.  
vers. 1.*

*simul.  
445. 446  
02. 012*



tirais, & ainda caminhais para outra maior batalha, a buscar quem vos mate? bem fey eu que o vosso amor foy caufa desta pendencia, motivo deste excesso; mas isto he passar os termos, que permittem as leys do amor: amar, & morrer he o mais onde pode chegar hum fojeito, quando se presa de fino; mas padecer afrontas, & blasfemias pelas ruas publicas, como reo, & condenado, isto he amar fóra da regra: ora meu Deos, & meu Filho, já que os peccados do mundo chegarão a enfraquecer a omnipotencia, descançay nestes meus braços, antes que vos crucifiquem nos dessa Cruz.

Os ministros, & soldados arrebatárão o ramalhete de myrra dos peitos da Esposa, o affligido JESUS dos braços de sua Mãe, arrastando-o

por

por hum mar de sangue o levãrão ao monte Calvario, onde o despirão, & estenderão na Cruz para o crucificarem. O' almas Christãs, se em vós ha alguma piedade, se os vossos peytos não são mais duros que as pedras, attentay, & vede a que excessso chegarão os peccadores a porem sobre hum monte para ser mais publico o defatino, & mais infame o escandalo: foraõ taes os nossos peccados, que chegarão a despir a Deos, a descompor a innocencia, & assim nua a Magestade, que domina o Ceo, & a terra, a estendem sobre a Cruz, para lhe encravarem as mãos, & pès com duros, & crueis cravos.

Dizem alguns Contemplativos, que começárão a encravar a Christo na Cruz pela mão esquerda. Barbaros, que fazeis? a mão esquerda prendeis?



deis? a mão esquerda, que he vizinha do coração, encravais? não vedes, que poderá castigarvos o tribunal da Justiça, sem que vos valha a divina misericordia? & que determinais com a mão direita, que he a mão da omnipotencia? atreveisvos a encravala? & que paciencia ha de ter a omnipotencia, que não seja em vosso dano? Mas deyxay, Senhor, deixay, que se niffo executão effes barbaros o feu odio, tambem nós afegurão o beneficio, & fazem copiofa a noffa redempção, exaltando nella Cruz a flor do campo, o bem me quer do mundo: *Ego flos campi.*

Ja o leito das flores, em que a alma fanta empregou o feu amor, & o feu juizo, *Lectulus noster floridus*, está armado no monte Calvario com cama de penas, cortinado de afrontas;

já a flor da Payxão posta no lambique da Cruz com bem de fogo, & lenha, destillando fragrantés exalações de amor, excessos de misericórdia, ao bom Ladrão deu o Paraíso, ao Discipulo amado a Mãy, a todo o genero humano a redempção; dando em fim o Salvador do mundo os ultimos alentos da vida nos braços da Cruz, inclinou a cabeça, *Inclinato capite*; para mostrar que morria como flor, que quando morre, se inclina para a terra; para mostrar a inclinação que nos tinha por via tambem da Mãy, que o reclinou no presepio, fechando o principio com o fim, *Reclinavit eum in presepio*; para mostrar com a inclinação da cabeça sobre o peito, que se como flor secava, & morria, não era por falta de rego d'agua, & sangue, que ainda tinha no lado,

*Joan.*  
*cap. 19.*  
*vers. 30.*

*Luc.*  
*cap. 2.*  
*vers. 7.*



lado, mas por violencias da tyrania Hebreá, & excessos do seu fino amor espirava como flor inclinando a cabeça: *Flos Libani elanguit. Inclinato capite tradidit Spiritum.*

Espirou em fim a flor do Libano no monte Calvário, como flor do campo, *Ego flos campi*; acabou a vida a gala da gentileza, *Speciosus forma præ filiis hominum*; murchou a flor de Nazareth, *JESUS Nazarenus*; secouse a rosa de Jericó, *Quasi plantatio rosæ in Jericho*. Almas, almas, olhos, corações, juizes Catholicos, attendey, & vede, que o insensível, o irracional sentio, chorou, & lamentou a morte da flor do campo; chorou quem não tinha olhos, arrependose quem não tinha alma, compungiose quem não tinha coração, fez penitencia quem não tinha pec-

cados ; porque o Sol se escureceo, as pedras se quebrarão, o vèdo do templo se rasgou, as sepulturas se abrirão, os mortos resuscitarão ; & vòs com almas, com corações, com peccados, com beneficios, & outras muitas obrigações, que he o que fazeis? que he o que sentis? que he o que chorais? que he o q̄ dizeis a hum Deo morto em huma Cruz por vos salvar? *Venite, & videte.* Chegay com esses olhos, ainda que secos, & indevotos, a ver os prodigios, que obrou a divindade encarnada para vos remir, & salvar, & dizey comigo:

O' Pelicano divino, cõ tanto peito rasgado, cõ tanto sangue vertido para alimentar os filhos; esse coral derretido de vosso precioso sangue ha de permittir q̄ hũ Catholico, que vos adora, se condene eternamente? Esse



peito alanceado, em que vosso amor abriu porta franca a todos os peccadores, ha de sepultar no inferno aquê vos busca arrependido? Chegay peccadores, abraçai vos com quem vos espera cõ os braços abertos; de braços abertos não se presumem castigos, senão abraços: chegue o soberbo, & tirando o turbante presumido das vaidades do mundo, sacrifique a presumpção, onde o manso Cordeiro se offerece em sacrificio: chegue o homicida, & lance a espada com que tira innocentes vidas, aos pès do que está morto por lhe dar o perdão, & a vida: chegue o ambicioso, & avarento, & daquelles rios de fangue, mais ricos que os da prata, tiré as verdadeiras, & eternas riquezas: chegue o sensual, & lave a torpeza de suas culpas na fonte do

lado , de que nasce hũ pego sem fundo de misericordias: chegue a Esposa dos Cantares, que he toda a Igreja Catholica, a ver, & colher o seu bem mequer, o seu remedio , & salvação: *Ego flos campi.*

Colheose a flor , & o fruto da arvore da Cruz, enterrouse, depois de enterrada brotou estampada na mortalha em que se envolveo; para que tivessemos a consolação de vermos com nossos olhos se quer hũa estampa da flor , hũ retrato do Espoço das nossas almas.

Aqui tendes a flor da Payxão com todos os sinaes que a providencia do Creador pintou em huma flor deste novo mundo. *A planta pedis usque ad verticem non est in eo sanitas.* Pelos pès começa o pè da flor. O' pès divinos, para cujas plantas não era digno co-



xim o Sol, nem capaz fitial o Firmamento, nem decente alcatifa a primavera: nestes soberanos pés he que tomou pè a ditosa Magdalena, *Stans* Luc. 7. vers. 38 *retro secus pedes ejus*, nadando no mar da sua contrição, atè que alcançou perdão, *Vade in pace*. Boa marè, peccadores, marè de rosas nos pés da flor; aproveitar della, dizendo: Nunca mais minha flor, nunca mais, meu Deos, vos hey de offender.

Idè vendo, & contando os matizes da flor, as feridas dos joelhos, os espinhos do horto: as pedras da rua da amargura fizeram estas chagas como espelhos, para nelles vermos as enormes, & cançadas fealdades dos nossos peccados; para nos envergonharmos, & confundirmos a nossa cegueira, de chegarmos com nossos peccados a ferir, & maltratar os

joc.

joelhos daquelle omnipotente Senhor, a cujo obsequio o Ceo, a terra, o inferno adorando dobra o joelho.

Vamos vendo, & reparando. Mãos de Deos presas? Vio Pedro nesta noyte em casa de Caifás ao seu Deos preso, & amarrado, & com o ter negado, não se pode ter que não soltasse as amargosas correntes de suas lagrimas, porque vio preso, & amarrado o Cordeyro, que tira os peccados do mundo, & considerou arrependido que os seus peccados erão as cordas, com que o via amarrado, como disse David em nome deste Cordeiro: *Funes peccatorum circumplexi sunt me. Flevit amarè.*

Estamos no lado aberto como barra para nella entrarem as fragatas de nossas almas, se a tempestade for muy-



muita, os ventos contrarios, os mares banzeiros, & os piratas do inferno derem caça; marçay peccadores a costa, a barra, o porto deste lado, para nelle anchorares, & fazeres matatagem, & aguada, porque deste lado sahio sangue, & agua, os Sacramentos da Igreja; neste peito aberto acharão os peregrinos hospicio, os enfermos hospital, os fracos castello, os homiziados amparo, os criminosos sagrado, & todos refugio, socorro, & abrigo.

Quereis ver o que he o mundo? como paga a quem o serve? vede esta cabeça, que sendo a melhor do mundo, a coroação de espinhos; estes olhos, que quanto viaõ, remediavão, fechados, & escurecidos; esta boca por prègar verdades, chea de fel, & vinagre; a flor, & o fruto da

divindade, a belleza do creado, o objecto dos Serafins, o Filho do Eterno Padre, & da Virgem Santissima, tão disforme, & desfigurado do que he por Deos, & por homem, que chegou a dizer o Profeta Rey em seu nome, que sendo Deos, & homem, era não homem, quanto mais Deos, pelos tormentos de sua Paixão: *Ego sum vermis, & non homo;* tão feyos são os nossos peccados, tão disformes as nossas culpas, que puzeraõ nesta deformidade, neste desconhecimento a mais bella flor, que deu o Ceo, & a terra: *Ego flos campi,*  
 107 Onda morte, ò do peccado, ò do inferno, acabouse o vosso tempo, destruiu se o vosso engano, arruinou se o vosso imperio, victoria pelas armas de Christo, victoria pelos peccadores remidos, victoria pela  
 -nivib flor



flor do campo, flor da Payxaõ, que  
 por gala do seu amor tem por victo-  
 ria a morte, por triumpho a Payxaõ;  
 mas como a victoria he morte, &  
 Payxaõ, convertase em choro a vi-  
 ctoria, *Versa est victoria in luctum*; dis-  
 parem os fortes dos corações contri-  
 tos, dobrem os finos das almas arre-  
 pendidas, todos os interessados,  
 & apaixonados por esta victo-  
 ria, digaõ clamando, Mife-  
 ricordia, misericordia.

2. Reg.  
 cap. 15.  
 vers. 2.









# INDICE

DOS

## LUGARES DA SAGRADA

Escritura.

Ex libro Genesis.

**C**AP. I. vers. II. *Germinet terra  
herbam virentem facientem semen,  
& lignum fructiferum facientem fru-  
ctum, pag. 24.*

Vers. 26. *Faciamus hominem ad imagi-  
nem, & similitudinem nostram, pag. 76*

Cap. 3. vers. 22. *Tunicas pelliceas, p. 149*

Cap. 30. vers. 2. *Da mihi liberos, alio-  
quin moriar, pag. 29.*

Cap. 35. vers. 18. *Vocavit nomen filij*

Z iij

sui

*sui Benoni, idest, filius doloris mei,*  
pag. 72.

Verf. 19. *Pater verò appellavit eum Ben-*  
*jamim, ibid.*

### Ex libro Exodi.

Cap. 25. verf. 30. *Et pones super men-*  
*sam panes propositionis in conspectu*  
*meo semper, pag. 71.*

Cap. 3. verf. 14. *Ego sum qui sum, p. 131*

### Ex libro Num.

Cap. 13. verf. 28. *Ut ex his fructibus*  
*cognosci potest, pag. 44.*

Cap. 14. verf. 7. *Terra, quam circui-  
vimus, valdè bona est, ibid.*

### Ex libro Judicum.

Cap. 4. verf. 5. *Sedebat sub palma, p. 2.*

Cap.



Cap. 7. vers. 7. *Donec surgeret Debora,  
surgere mater in Israel, pag. 3.*

Cap. 9. vers. 8. *Ierunt ligna ut unge-  
rent super se Regem, pag.*

Vers. 15. *Si verò me Regem vobis consti-  
tuisis, venite, pag.*

Ex libris Regum.

1. Reg.

Cap. 9. vers. 6. *Ecce vir Dei est in civi-  
tate hac, vir nobilis, pag. 124.*

Cap. 17. vers. 55. *De qua stirpe descen-  
dit hic adolescens, pag. 129.*

Cap. 18. vers. 19. *Egressæ sunt mulieres  
de univ. urbibus cantantes, pag. 34*

Vers. 5. *Et prudenter se agebat, p. 140.*

Cap. 16. vers. 39. *Non possum sic ince-  
dere, pag. 139.*

Ex lib. 2.

Cap. 7. vers. 8. *Ego tuli te de pascuis se-  
quen-*

quentem greges, ut esses dux super populum meum, pag. 134.

Cap. 18. vers. 5. *Servate mihi puerum Absalon*, pag. 84.

Cap. 23. vers. 17. *Num sanguinem hominum istorum, & animarum periculum bibam*, pag. 90.

### Ex lib. 3.

Cap. 10. vers. 13. *Rex autem Salomon dedit Reginae Saba omnia quæ voluit, & petivit ab eo*, pag. 51.

### Ex libro Judith.

Cap. 13. vers. 10. *Confirma me Domine Deus in hac hora*, pag. 34.

Cap. 16. vers. 31. *Dies autem victoriæ hujus, &c. usque ad præsentem diem*, pag. 34.



Ex libro Esther.

Cap. 2. vers. 17. *Et posuit diadema Regni in capite ejus, pag. 48.*

Vers. 3. *Quærantur Regi puellæ virgines ac speciosæ, pag. 48.*

Vers. 15. *Erat enim formosa valde, & incredibili pulchritudine, pag. ibid.*

Ex libro Job.

Cap. 14. vers. 1. *Qui quasi flos egreditur, & conteritur, pag. 24.*

Vers. 1. *Brevi vivens tempore, pag. 24.*

Ex libro Psalmorum.

Psal. 18. vers. 13. *Ab occultis meis munda me, & ab alienis parce servo tuo, pag. 87.*

Pfal. 20. vers. 4. *Quoniam præuenisti eum  
in benedictionibus dulcedinis, pag. 53.*

Pfal. 24. vers. 7. *Delicta iuventutis meæ,  
& ignorantias meas ne memineris, p. 82.*

Vers. 8. *Dulcis, & rectus Dominus,  
pag. 75.*

Pfalm. 30. vers. 20. *Quàm magna multi-  
tudo dulcedinis tuæ Domine, pag. 104.*

Pfalm. 36. vers. 25. *Junior fui, etenim se-  
nui, pag. 82.*

Pfalm. 43. vers. 4. *Fuerunt mihi lacrymæ  
meæ panes die ac nocte, pag. 103.*

Pfalm. 44. vers. 10. *Astitit Regina à dex-  
tris tuis, pag. 120.*

Vers. 17. *Constitues eos principes super  
omnem terram, pag. 145.*

Pfalm. 48. vers. 3. *Simul in unum dives,  
& pauper, pag. 64.*

Pfalm. 50. vers. 19. *Cor contritum & hu-  
miliatum, pag. 103.*

Pfalm. 54. vers. 8. *Ecce elongavi fugiens,  
&*



*& mansi in solitudine, pag. 56.*

*Pfalm. 62. vers. 3. In terra deserta, in via,  
& in aquosa, sic in sancto apparui tibi  
ut viderem virtutem tuam, & gloriam  
tuam, pag. 68.*

*Pfalm. 66. vers. 7. Terra dedit fructum  
suum, pag. 19.*

*Pfalm. 74. vers. 3. Ego iustitias iudicabo,  
pag. 102.*

*Verf. 9. Adhæsit anima mea post te, p. 64.*

*Pfalm. 76. vers. 4. Renuit consolari ani-  
ma mea, pag. 58.*

*Pfal. 100. vers. 8. In matutino interficie-  
bam omnes peccatores terra, pag. 4.*

*Pfal. 118. Quam dulcia faucibus meis elo-  
quia tua super mel, & favum, pag. 93.*

*Ex libro Proverbiorum.*

*Cap. 8. vers. 30. Cum eo eram cuncta  
componens, pag. 17.*

Cap. 12. vers. 14. *De fructu oris sui  
unusquisque replebitur bonis, pag. 26.*

Ex libro Canticorum.

Cap. 2. vers. 4. *Ordinavit in me chari-  
tatem, pag. 112.*

Vers. 3. *Fructus ejus dulcis gutturi meo,  
pag. 53.*

Vers. 3. *Sicut malus inter ligna silva-  
rum, pag. 22.*

Vers. 5. *Fulcite me floribus, stipate me  
malis, pag. 18.*

Vers. 12. *Flores apparuerunt in terra no-  
stra, tempus putationis advenit, p. 24.*

Cap. 3. vers. 12. *Hortus conclusus soror  
mea sponsa, hortus conclusus, pag. 38.*

Cap. 4. vers. 3. *Sicut fragmen mali puni-  
ci, pag. 22.*

Cap. 5. vers. 1. *Veniat dilectus meus in  
hortum suum, comedat fructum pomorum*

*suo-*



dos Lu gares da Escritura. 189

*suorum, pag. 42.*

Cap. 6. vers. 2. *Et lilia colligat, pag. 42.*

Cap. 7. vers. 13. *In portis nostris omnia  
poma nova, & vetera, pag. 25.*

Ex libro Sapientiaë.

Cap. 6. vers. 6. *Quoniam iudicium duris-  
simum ijs qui præsumunt fiet, pag. 87.*

Ex libro Ecclesiastici.

Cap. 10. vers. 8. *Regnum à gente in gen-  
tem transfertur propter injustitias,  
pag. 51.*

Cap. 12. vers. 5. *Ibit homo in domum  
æternitatis suæ, pag. 147.*

Cap. 23. vers. 24. *Omni fornicario om-  
nis panis dulcis, pag. 59.*

Cap. 31. vers. 8. *Qui post aurum non  
abijt, pag. 149.*

Aa iij

Ex

## Ex Isaia Propheta.

Cap. 3. vers. 24. *Erit pro suavi odore  
fætor, pag. 180.*

Cap. 4. vers. 2. *Fructus terræ sublimis,  
pag. 19.*

Cap. 13. vers. 22. *Et sirenes in delubris  
voluptatis, pag. 61.*

Cap. 32. vers. 18. *Et sedebit populus  
meus in pulchritudine pacis, pag. 13.*

Cap. 63. vers. 3. *Torcular calcavi solus,  
pag. 69.*

Cap. 66. vers. 24. *Vermis eorum non  
moriatur, pag. 59.*

Cap. 46. vers. 4. *Ego feci, & ego feram,  
pag. 92.*

## Ex Daniele Propheta.

Cap. 3. vers. 74. *Benedicat terra Do-  
minum*



dos Lugares da Escritura. 191  
minum, laudet, & superexaltet eum in  
secula, pag. 44.

Cap. 4. vers. 8. Magna arbor, & for-  
tis, & proceritas ejus contingens Cæ-  
lum, pag. 30.

Vers. 9. Fructus ejus nimius, pag. 30.

Cap. 5. vers. 5. In eadem hora apparue-  
runt digiti quasi manus hominis scri-  
bentis contra candelabrum, pag. 77.

Cap. 7. vers. 10. Fluvius igneus rapi-  
dusque egrediebatur à facie ejus, judi-  
cium sedit, pag. 88.

Cap. 13. vers. 46. Pueri junioris cujus  
nomen Daniel, pag. 81.

Vers. 52. Inveterate dierum matorum,  
pag. 81.

Ex Osea Propheta.

Cap. 2. vers. 14. Ducam eam in solitudi-  
nem, & loquar ad cor ejus, pag. 55.

Ex

## Ex Joele Propheta.

Cap. 3. vers. 2. *Congregabo omnes gentes, pag.*

Vers. 13. *Venite, & descendite, quia plenum est torcular, pag. 73.*

Vers. 14. *Populi populi in valle concisionis, pag. 91.*

Vers. 18. *Stillabunt montes dulcedinem, pag. 74.*

## Ex D. Matthæo.

Cap. 1. vers. 20. *Joseph fili David, pag. 146.*

Cap. 2. vers. 1. *Proidentes adoraverunt eum, & apertis thesauris suis obtulerunt ei aurumthus, & myrrham, p. 36.*

Cap. 7. vers. 61. *A fructibus eorum cognoscetis eos, pag. 28.*

Cap.



Cap. 12. vers. 13. *Ex fructu arbor ag-  
noscitur*, pag. 30.

Cap. 13. vers. 39. *Messis verò consum-  
matio sæculi est*, pag. 74.

Vers. 49. *Exibunt Angeli, & separa-  
bunt malos de medio justorum, & mit-  
tent eos in caminum ignis*, pag. 80.

Cap. 16. vers. 26. *Quid enim prodest ho-  
mini si mundum uniuersum lucretur, a-  
nimæ verò suæ detrimentum patiatur*,  
pag. 12.

Cap. 19. vers. 29. *Sedebitis & vos su-  
per sedes duodecim iudicantes duode-  
cim tribus Israel*, pag. 94.

Vers. 5. *Dives difficile intrabit in reg-  
num cælorum*, pag. 155.

Cap. 22. vers. 2. *Homini Regi, qui fecit  
nuptias*, pag. 6.

Cap. 24. vers. 30. *Tunc apparebit sig-  
num Filij hominis*, pag. 165.

Cap. 25. vers. 34. *Venite benedicti Pa-*

- tris mei, pag. 98.  
 Vers. 31. *Et omnes Angeli cum eo*, p. 79.  
 Cap. 26. vers. 15. *Constituerunt ei tri-*  
*ginta argenteos*, pag. 160.  
 Vers. 18. *Cœpit contristari, & mœstus*  
*esse*, pag. 158.  
 Vers. 70. *At ille negavit*, pag. 162.  
 Vers. 75. *Egressus foras flevit amare*,  
 pag. 93.  
 Cap. 27. vers. 29. *Plectentes coronam de*  
*spinis*, pag. 135.  
 Cap. 28. vers. 12. *Pecuniam copiosam*  
*dederunt militibus*, pag. 160.  
 Ex D. Marco.  
 Cap. 11. vers. 21. *Ficus cui maledixisti*  
*aruit*, pag. 29.  
 Cap. 14. vers. 39. *Spiritus quidem prom-*  
*ptus est, caro autem infirma*, pag. 158.  
 Cap. 15. vers. 43. *Nobilis decurio*, p. 128



Ex D. Luca.

Cap. 1. vers. 42. *Benedictus fructus ven-  
non tris tui, pag. 19.*

Cap. 16. vers. 23. *Mortuus est autem  
dives, & sepultus est in inferno, p. 138.*

Vers. 19. *Homo quidam erat dives, pag.  
125.*

Cap. 19. vers. 9. *Si aliquem defraudavi,  
reddo quadruplum, pag. 153.*

Vers. 13. *Negotiantiu dum venio, p. 79.*

Cap. 22. vers. 44. *Factus est sudor ejus  
sicut guttae sanguinis decurrentis in  
terram, pag. 159.*

Cap. 23. vers. 45. *Et obscuratus est Sol,  
pag. 116.*

Ex D. Joanne.

Cap. 1. vers. 6. *Fuit homo missus à Deo,  
pag. 95.*

Cap. 5. vers. 17. *Pater meus usque modo operatur, pag. 31.*

Vers. 22. *Pater, sed omne iudicium dedit Filio, pag. 73.*

Cap. 7. vers. 19. *Omnis arbor, quæ non facit fructum bonum, excidetur, & in ignem mittetur, pag. 96.*

Cap. 8. vers. 9. *Remansit Iesus solus, &c. pag. 55.*

Cap. 14. vers. 28. *Vado, & venio ad vos, pag. 68.*

Cap. 18. vers. 22. *Dedit alapam Iesu, pag. 162.*

Cap. 19. vers. 25. *Stabant autem juxta Crucem Iesu mater eius, pag. 70.*

Vers. 36. *Inclinato capite, pag. 157.*

Cap. 21. vers. 16. *Diligis me, diligis me, amas me, pag. 163.*

Ex Actis Apostolorum.

Cap. 1. vers. 46. *Qui comprehenderunt*

*Fe-*



*Jesum, pag. 160.*

Ex Epist. D. Pauli

ad Corinth. i.

Cap. 10. vers. 11. *Omnia in figura con-  
tingebant illis, pag. 35.*

Cap. 13. vers. 12. *Tunc autem facie ad  
faciem, pag. 97.*

Ad Cor. 2.

Cap. 2. vers. 15. *Christi bonus odor su-  
mus, pag. 107.*

Cap. 4. vers. 17. *Æternum gloriæ pon-  
dus, pag. 105.*

Ad Galatas.

Cap. 2. vers. 19. *Vivo ego jam non ego,  
vivit verò in me Christus, pag. 15.*

## Ad Tim. i.

Cap. 6. vers. 10. *Radix enim omnium  
malorum est cupiditas, pag. 110.*

## Ad Hebræos.

Cap. 10. vers. 30. *Mibi vindicta, ego  
retribuam, pag. 136.*

## Ex Epistola B. Jacobi Apostoli.

Cap. 1. vers. 17. *Descendens à Patre  
luminum, pag. 78.*

Cap. 4. vers. 1. *Unde bella, & lites? non  
ne ex concupiscentijs vestris, quæ mili-  
tant in membris vestris? pag. 14.*

## Ex Epistola D. Petri.

Cap. 2. vers. 9. *Vos autem genus electum,  
reg-*



dos Lugares da Escritura. 199  
*regale Sacerdotium, gens sancta, pag.*  
108.

Ex libro Apocalypsis.

Cap. 1. vers. 5. *Princeps Regum terræ,*  
*pag. 145.*

Cap. 6. vers. 12. *Sol factus est niger,*  
*pag. 116.*

Cap. 12. vers. 9. *Et projectus est draco,*  
*pag. 4.*

Cap. 14. vers. 13. *Opēra enim illorum se-*  
*quuntur illos, pag. 148.*

Cap. 18. vers. 6. *Duplicate ei duplicia*  
*secundum opera ejus, pag. 86.*

Vers. 8. *Sedeo Regina, pag. 86.*

Cap. 20. vers. 12. *Et libri aperti sunt,*  
*pag. 78.*

Cap. 21. vers. 1. *Vidi Cælum novum,*  
*et terram novam.*



# INDICE

D A S

COUSAS MAIS NOTAVEIS.

A

**A** Nanàs Rey dos pomos, do-  
tado da natureza com insig-  
nias reaes, pag. 1.

Ananàs feyto Rosario, he o mesmo  
que *Anna nascitur*, pag. 20.

Alma nos tres estados Logicos, p. 54.

Afeição desordenada dos parentes,  
pag. 121.

Anjos lavradores do engenho do  
Juizo universal, pag. 79.

Attri-



Atributtos reaes, & divinos, brandura, & aspereza a seu tempo, p. 2.

## B

**B**ondade só no que governa, não he boa para bõs, & máos, p. 3.  
Benção dos frutos, & não das flores, pag. 23.

## C

**C**ana de assucar Rainha das fruttas, porque, pag. 46.

Cana do Brasil he como a Rainha Sabá para o Reyno de Portugal, p. 51

Causas dos Sacerdotes não serẽ todos como devem ser, pag. 108.

Qualidades, são boas obras, boas acções, pag. 128.

Cana de assucar parabola da doce, & regalada vida de espirito, pag. 54.

Cajás, & la jáz, como se entende,  
pag. 138.

Communiidades para viverem em  
paz, & concordia, he necessario  
que lhe peça pelas suas cinco cha-  
gas Christo Senhor N. pag. 113.

## D

**D**ias do Senhor, & da Senhora,  
pag. 75.

Decoada he a penitencia com que se  
tempera a ira de Deos, pag. 93.

Dondes com ondes se devem cote-  
jar, pag. 134.

## E

**E** Ngenho do Brasil parabola do  
Juizo universal, p. 74.

O Engenho do Juizo divino ha de  
moer com fogo aos que moem  
com



com sangue, pag. 89.

O Engenho do Juizo tem feytores, officiaes, caxeiro, moenda, casa de purgar, de caldeiras, fornalhas, pag. 91. & seqq.

## F

**F**Rutas do Brasil para todos os tres estados, Ecclesiastico, Nobreza, & Povo; para os Ecclesiasticos, pag. 106.

Para os Ecclesiasticos Pastores, pag. 109.

Para os dez Predicamentos da Nobreza, pag. 123. & seqq.

Para os mechanicos, pag. 146.

Fidalguias por respeito, valias, introduções, pag. 128.

Flores, & frutas da mechanica, pag. 146. & seqq.

Flor do Maracujá geroglifico da  
Payxaõ, pag. 156.

## G

**G**overno do Rey de si mesmo,  
os seus tribunaes, & a sua Re-  
laçaõ, pag. 6. & seqq.

## H

**H**omem como engenho do Bra-  
sil, pag. 76.

Qualquer homem pôde ser Rey  
de si mesmo, pag. 6.

Habito de cor preta, de cor parda,  
de cor branca, & parda, que signi-  
ficaõ, pag. 115. & seqq.

Habitos de Christo nos benemeri-  
tos, & indignos, pag. 139.

Ida-



- I** Dade, materia do Juizo, pag. 82.  
**I** Mayor idade, mayor maldade,  
pag. 80.  
Juizo de Deos doce, & amargoso,  
pag. 99.  
Juizo divino crido, mas naõ temi-  
do, pag. 102.  
Juizo dobrado nos que presidem,  
pag. 86.  
Juizo dos que julgaõ, & governaõ,  
pag. 85.

**L** Enhas para o engenho do Ju-  
zo tiradas das matas da pre-  
guiça, pag. 95.

## M

**M**Oenda do Juizo para os governos, & judicaturas mais apertada, pag. 85. & seqq.

Moer antes de ser mohido, he bom conselho de bom exemplo, p. 105.

## N

**N**Obreza predicamental, p. 123.

**N**obreza de sustancia qual he, pag. ibid.

Nobreza de quantidade, pag. 125.

Nobreza apayxonada, pag. 132.

Nobreza da mechanica, pag. 144.

## O

**O**Raçoens do Rosario fazem-se com pensamentos, palavras,

&



& obras, pag. 32.

Orar, & obrar he a mayor maravilha, pag. 33.

Orar, & offerecer, a melhor adoraçãõ, pag. 36.

## P

**P**Enas da Relaçãõ do homẽ Rey, pag. 14.

Peccados da mocidade mais escrupulosos, & arriscados que os da velhice, pag. 82.

Peccados, & beneficios, faõ as tarefas da moenda do Juizo, pag. 77.

## R

**R**Oda do mundo nas voltas, & reyoltas dos seus agrados, & desagrados, pag.

**S** Antidade onde está, logo cheira,  
 pag. 70.  
 Sacramento do altar pão de affucar,  
 pag. 71.  
 Sereas como se haõ de evitar, p.60.

**T** Terra do Brasil com grandes fi-  
 naes da Payxão de Christo,  
 pag. 165.

**V** A Verdade neste mundo compra-  
 se muy barata, & a mentira  
 muy cara; para a verdade regatea-  
 se muito, para se comprar a men-  
 tira, não se repara em preço, p.160.

FINIS.